

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL (IACS)
PRODUÇÃO CULTURAL

CAMILLA CARVALHO FERREIRA

**NAVEGANDO NAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS :
CULTURA IDENTITÁRIA A BORDO DE UM NAVIO DE CRUZEIRO**

Niterói - RJ
2022

CAMILLA CARVALHO FERREIRA

**NAVEGANDO NAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS:
CULTURA IDENTITÁRIA A BORDO DE UM NAVIO DE CRUZEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em 2022, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Produção Cultural sob a orientação da profa.Dra Maria Teresa Mattos de Moraes.

Niterói, RJ.
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F383n Ferreira, Camilla Carvalho
Navegando nas identidades e diferenças : Cultura
identitária a bordo de um navio de cruzeiro / Camilla
Carvalho Ferreira ; Maria Teresa Mattos de Moraes,
orientadora. Niterói, 2022.
67 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Identidade. 2. Diferença. 3. Representação. 4.
Cruzeiro. 5. Produção intelectual. I. Mattos de Moraes,
Maria Teresa, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao décimo quarto dia do mês de julho de 2022, às quinze horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão N°. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**NAVEGANDO NAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS: CULTURA IDENTITÁRIA A BORDO DE UM NAVIO DE CRUZEIRO**”, apresentado por **Camila Carvalho Ferreira**, matrícula 615033095, sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). Maria Teresa Mattos de Moraes.

Banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Drª Maria Tereza Mattos de Moraes

2º Membro: Drª Marina Bay Frydberg

3º Membro: Dr. Wallace de Deus Barbosa

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Maria Tereza Mattos de Moraes

Presidente da Banca

CAMILLA CARVALHO FERREIRA

**NAVEGANDO NAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS:
CULTURA IDENTITÁRIA A BORDO DE UM NAVIO DE CRUZEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em 2022, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Produção Cultural sob a orientação da profa.Dra Maria Teresa Mattos de Moraes.

Aprovada em 11 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a Maria Teresa Mattos de Moraes (Orientadora)- UFF

Prof^a.Dr^a Marina Frydberg - UFF

Prof.Dr. Wallace de Deus Barbosa - UFF

Niterói, RJ.
2022

DEDICATÓRIA

“A cura para qualquer coisa está na água salgada - as lágrimas, o suor ou o mar.”
(Isak Dinesen)

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que o mundo fosse tão grande quanto ele é, muito menos que eu seria capaz de explorá-lo. Sou grata por ter tido a coragem de ter embarcado a primeira vez, mesmo com medo. A imensidão do mar me ajudou a expandir minhas possibilidades.

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao Wallace de Deus e a Marina Frydberg por terem aceitado o convite para participarem da banca examinadora. Marina, sua didática maravilhosa inspirou indiretamente a escolha do tema deste trabalho. Sou eternamente grata por seu apoio e orientação durante meu primeiro embarque.

À minha orientadora e professora querida Tetê Mattos, nosso encontro foi uma não-coincidência incrível, o elemento que me permitiu apreciar os últimos períodos da faculdade.

Dâmylla, obrigada pelo incentivo e por me ajudar a buscar o balde todas as vezes que eu chutava ele. Obrigada por me ajudar no primeiro e no segundo embarque. Eu amo você.

Joubert e Fabiana, obrigada pelas fotos, pela amizade e pelo incentivo. Conhecer vocês foi um marco importante na minha vida a bordo, amo a coragem que vocês têm de serem quem são. Isabella, obrigada por ter trazido o livro dos relatos que usei neste trabalho quando nos encontramos no último contrato.

Dejan, sua presença me deu uma nova perspectiva de vida e me ensinou sobre um amor tranquilo e sincero, muito obrigada por tudo.

Não acredito em coincidências, poderia ter navegado outros mares mas acabei no seaview e no seaside. Conheci muitas pessoas diferentes pelo caminho que me mostraram, na prática, a diversidade cultural que eu sempre estudei e que me inspiraram a dar mais uma chance à faculdade. Vou sempre ser grata por cada uma de vocês.

Gratidão a Deus por essa experiência e pelas infinitas possibilidades daqui para a frente. Se eu pudesse escolher uma frase para definir este e os próximos instantes da minha vida seria : “ o que quer que aconteça será bem melhor do que eu consigo imaginar nesse momento.”

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar as relações identitárias em um cruzeiro a partir das relações entre os tripulantes, os passageiros e os espaços por eles ocupados, e identificar elementos representativos e seu papel na afirmação e produção das identidades encontradas a bordo. Para isso, o estudo busca entender, a partir dos conceitos de identidade e diferença, de Tomaz Tadeu da Silva, e de representação, de Stuart Hall, como funciona a relação entre os signos e os tripulantes. Para gerar resultados, foi desenvolvido um trabalho dividindo os elementos simbólicos em categorias referentes aos uniformes e a composição dos espaços, buscando assimilar a cultura de cruzeiro construída a partir deles.

Palavras- chaves: Identidades. Diferenças. Representação. Cruzeiro. Tripulação.

Abstract

The present work aims to analyze the identity relations on a cruise ship based on the relationships between crew members, passengers and the spaces occupied, and to identify representative elements and their role in the affirmation and production of the identities found on board. For this, the study seeks to understand, from the concepts of identities and differences by Tomaz Tadeu da Silva and representation by Stuart Hall, how the relationship between signs and crew members works. To generate results, the work was developed dividing the symbolic elements into categories referring to the uniforms and the composition of spaces seeking to assimilate the cruise culture built from them.

Keywords: Identities. Differences. Representation. Cruises. Crew.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de tripulante	34
Figura 2 - Área de passageiro	34
Figura 3 - Corredor de acesso às cabines da tripulação	36
Figura 4 - Corredor de acesso às cabines de passageiros	36
Figura 5 - Área da tripulação	37
Figura 6 - Área da recepção	37
Figura 7 - Placa “ <i>only crew</i> ”	40
Figura 8 - Placa com sinal de “pare”	41
Figura 9 - Placa com os dizeres “Sorria e cumprimente os passageiros e use o inglês em público a todo momento”	42
Figura 10 - Departamento do bar com bandeja em mãos, sorriso no rosto	43
Figura 11 - Placa “Atenção! Você está entrando na área de passageiro”	43
Figura 12 - Capitão Marco Massa	45
Figura 13 - Uniforme com três stripes	46
Figura 14 - Departamento do shopping	47
Figura 15 - Uniforme usado nas excursões fora do navio	49
Figura 16 - Uniforme da excursão usado a bordo	49
Figura 17 - Bar <i>team</i>	50
Figura 18 - Departamento do restaurante	51
Figura 19 - Minha <i>name tag</i>	53
Figura 20 - Cabine de passageiro	54
Figura 21 - Cabine de passageiro adaptada	54
Figura 22 - Cabine de tripulantes	54

SUMÁRIO

	WELCOME ON BOARD	11
1	EMBARQUE NAS IDENTIDADES	16
2	NOS BASTIDORES DA GANGWAY	23
3	DIÁRIO DE BORDO	31
3.1	Espaços: passageiros versus tripulantes.....	34
3.1	Atenção: sorria e use o inglês a todo momento.....	40
3.3	Uniformes, departamentos e privilégios.....	45
	DESEMBARQUE	60
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE I - GLOSSÁRIO	66

Welcome on Board”¹

Os navios cruzeiros se consolidaram como um dos setores mais promissores do turismo. Isso ocorreu por conta da dinâmica movimentação econômica e da diversidade cultural encontrada dentro desses navios, tanto dos passageiros quanto dos tripulantes.

Hoje em dia existem diversas agências de recrutamento de tripulantes em vários lugares do Brasil e do mundo, o que torna necessário a articulação de mecanismos e estratégias que abriguem uma equipe multicultural e suas peculiaridades de forma eficiente, pois apesar das semelhanças em alguns pontos, esses indivíduos trazem perspectivas e valores próprios de suas culturas de origem.

Dentro de um panorama econômico, tratar a questão da diversidade cultural com ponderação e reconhecendo sua relevância pode dar uma vantagem para as companhias, uma vez que a assimilação dessas diferenças podem melhorar a atuação do tripulante dentro da função desempenhada.

A convivência multicultural apresenta benefícios tanto para a empresa quanto para o funcionário, que se torna mais tolerante às diferenças, adquire a capacidade de alteridade e passa a estar apto a usar essa experiência para a tomada de decisões e a resolução de conflitos no futuro. Aprender a lidar com as diferenças culturais é um dos detalhes que os tripulantes ressaltam e mais valorizaram durante o período de coexistência na rotina dentro do navio.

Meu primeiro contato com um navio de cruzeiro foi em 2019 quando embarquei pela primeira vez como garçom de bar. O trabalho é pesado, em média 12 horas diárias durante sete meses, sem dias de folga. No entanto, essa experiência mudou totalmente minha vida e a minha percepção sobre as relações culturais e a diversidade.

Embarquei em Roma e passei sete meses a bordo, fazendo uma temporada no mar mediterrâneo que passava pela Itália, pela França e pela Espanha até a temporada seguinte, a qual o navio atravessou o Atlântico para o Brasil, onde passei os últimos meses de trabalho do contrato e desembarquei. Esse contato com outras nacionalidades, tanto atendendo passageiros quanto com os colegas de trabalho, foi bem impactante e decisivo para escolha desse tema. Eu não sabia que o mundo era

¹ Bem vindo a bordo : expressão utilizada para saudar os passageiros que estão embarcando e nome do manual de regras utilizado para a ambientação dos tripulantes de primeiro contrato.

tão grande e diverso, nem que italianos falavam gritando ou que algumas pessoas realmente comem arroz no café da manhã.

Meu segundo embarque aconteceu em 2021, após um ano de pandemia em um momento em que as coisas estavam começando a se ajustar. Eu já tinha definido o tema do TCC e, dessa vez, pude focar em analisar melhor as questões que vamos ver nos próximos capítulos. O objetivo do trabalho, inicialmente, era entender os efeitos da convivência multicultural entre os tripulantes, mas a complexidade das identidades acabou chamando minha atenção uma vez que lá dentro pude perceber que as nacionalidades são apenas um dos fatores acionados quando pensamos nas identidades a bordos.

Esse trabalho parte do meu olhar a partir da vivência como tripulante com dois contratos na MSC Cruzeiros, a maior companhia privada de cruzeiros e marca líder na Europa, América do Sul e África do Sul. Além do trabalho de campo realizado, utilizei os relatos do livro *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de cruzeiros* e cruzei com conversas informais que tive com pessoas próximas a mim.

O navio possui regras e demarcações específicas que acionam certas identidades em certos momentos e espaços e o objetivo deste trabalho é: (a) analisar como se dão as relações identitárias a bordo de um cruzeiro a partir das relações entre os tripulantes, os passageiros e os espaços ocupados; (b) entender o acesso a privilégios da tripulação de acordo com sua posição dentro da embarcação e (c) identificar elementos simbólicos e seu papel na afirmação e produção das identidades encontradas a bordo.

Além do trabalho de campo que pude empreender na vivência de um navio, utilizei como estratégia metodológica a criação de categorias que foram úteis para a análise. A primeira delas refere-se às questões espaciais, os espaços dentro do navio são bem demarcados por objetos e decorações que expressam sentido e que remetem às condições identitárias e hierarquias incluindo ou excluindo os indivíduos, determinando como eles devem se comportar e onde podem ir apenas pelo uso de elementos visuais.

A outra categoria remete a outra forma visual de classificar e organizar os diferentes departamentos a bordo e definir a lista de privilégios de cada um deles: os uniformes. Essas divisões, no entanto, não são fixas e estão conectadas uma com a outra.

Subdividimos essas categorias em “área de passageiro x área de tripulantes” com o intuito de entender os elementos visuais que acionam identidades e determinam a quem pertencem ou não, sem utilizar avisos verbais.

Tomaz Tadeu da Silva, em “A produção social da identidade e da diferença”, afirma que as divisões e classificações determinam o valor de cada grupo e o tipo de passe que eles vão ter no cotidiano e levando em consideração essa afirmação, a outra divisão feita foi em relação aos “acessos a privilégios nas hierarquias presentes na tripulação”.

As identidades, para Tomaz Tadeu da Silva, funcionam através de sistemas de representação e por isso a última categoria é uma análise dos “signos e seus significados” que demarcam fronteiras e carregam conceitos entendidos e transmitidos pelos sujeitos dentro de uma cultura.

Como aporte teórico para este trabalho utilizamos o capítulo “ A produção social da identidade e da diferença” de Tomaz Tadeu da Silva que afirma que as identidades elas têm que ser ativamente produzidas e “ não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. “

O texto “ Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” de Kathryn Woodward dá suporte para a questão da identidade da representação: “ As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas posições.”

Para análise visual empregamos os conceitos desenvolvidos por Stuart Hall em “Cultura e representação” onde ele afirma que “ os sentidos é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem pertencemos” e que por isso ele se relaciona em como a cultural é utilizada para “restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos”. Utilizamos também o “Novos fundamentos do design” de Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips que “revela os elementos de uma linguagem visual, cujas formas são empregadas por indivíduos, instituições e ambientes cada vez mais conectados a uma sociedade global.”

Uma série de características como o modo de agir, de comer e de falar diferenciam as nacionalidades a bordo e esses traços facilitam a identificação, por exemplo, de um brasileiro para um indiano. São os resultados do desenvolvimento

de uma certa cultura que determinam a maneira que os indivíduos se portam em relação aos outros e que define seus valores .

Esses processos representacionais podem acontecer de outras formas que não pelos atos linguísticos, tais como o ato de incluir/excluir e demarcar territórios. E assim como as diferenças , as identidades estão intrinsecamente relacionadas a vetores de forças e assim quem tem o poder de representar, tem também o poder de definir.

Woodward traz uma visão mais ampla sobre o que é identidade, como podemos defini-las e analisá-las, como elas são empregadas e porque os indivíduos assumem as identidades que lhes são apresentadas. A partir desse texto que as categorias foram definidas, especialmente a “acesso a privilégios na hierarquia presente na tripulação”.

Analisando a decoração dos ambientes utilizamos o “ Os novos fundamentos do design” de Lupton para observar o papel das cores e das texturas nas mensagens não verbais que elas passam conforme são inseridas nos espaços. Stuart Hall foi utilizado para entender a finalidade da representação visual a partir dos signos e símbolos, como as placas de sinalização e os name tags².

De forma geral, os cruzeiros favorecem a economia local e nacional nos portos dos países em que atracam pois aumentam o fluxo de turistas nas cidades e, levando em conta que os trabalhadores também podem circular nesses territórios, gera empregos diretos e indiretos dentro das embarcações e nas cidades portuárias com a compra de passeios turísticos, de alimentos e bebidas e uso dos transportes, fomentando a articulação comercial da região e estimulando a entrada de divisas. ³

Para além da questão financeira, trabalhar embarcado coloca em perspectiva alguns hábitos e costumes que são assimilados socialmente e expande a percepção sobre o tamanho do mundo. Viver durante vários meses com diferentes pessoas e trabalhar em um processo de aceitar as diferenças, ao mesmo tempo em que se cria algo em comum, pode ser a chave para evitar conflitos e desrespeito com as diversidades.

² plaqueta de identificação do tripulante

³ De acordo com uma pesquisa realizada em 2011 pela FGV a pedido da Associação Brasileira de Cruzeiros Marítimos (ABREMAR), o comércio varejista de alimentos e bebidas foi o mais impactado pelos gastos dos tripulantes e cruzeiristas (pessoas que fazem cruzeiro para lazer). Dos R\$522,5 milhões dos impactos totais (diretos e indiretos), R\$172,6 milhões foram gastos nas atividades de comércio varejista e R\$155,1 milhões com alimentos e bebidas.

No primeiro capítulo, atravessamos os conceitos de identidade e diferença, a partir de Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva, para entender como quais mecanismos são utilizados para construir e afirmar as identidades.

No segundo capítulo, faremos considerações sobre o espaço de convívio dos tripulantes para contextualizar o ambiente do cruzeiro utilizando os relatos retirados do livro *“Todos a bordos: as incríveis histórias dos tripulantes de cruzeiro”*.

No terceiro e último capítulo, analisaremos as categorias criadas referentes aos uniformes e a composição do espaço, a partir dos signos encontrados no navio, utilizando o conceito de representação, trabalhado por Stuart Hall, e o conceito de design, desenvolvido por Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips.

1. Embarque nas identidades.

A questão das identidades e diferenças é complexa e possui diversas camadas, trabalhando com a “ Identidade e diferença : uma introdução teórica e conceitual” de Kathryn Woodward e “Produção social da identidade e das diferenças” de Tomaz Tadeu da Silva vamos entender como as práticas de significação e sistema simbólico atuam na afirmação e produção delas.

Em “Identidade e diferença : uma introdução teórica e conceitual” Kathryn Woodward traz um panorama sobre as identidades e as diferenças. A princípio a autora trabalha com as nacionalidades e afirma que as identidades são marcadas por símbolos presentes no cotidiano dos sujeitos gerando uma associação entre o que as pessoas “são” e o que elas usam ou fazem.

Dentro de uma cultura existem diversos significantes que marcam as identidades e as escolhas de qual delas ressaltar varia de acordo com o que se quer afirmar ou subverter. É nesse contexto que a autora afirma que “a identidade é marcada pelas diferenças, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares.” (WOODWARD, 2000, p. 10) .

Nessa conjuntura é possível notar o conflito que envolve esse tema e alguns caminhos iniciais por onde se tenta fixar a identidade.

Woodward levanta alguns pontos iniciais para a definição do tema : elas precisam de conceitualização, envolvem reivindicações, são relacionais e estão vinculadas a condições sociais e materiais.

A autora apresenta a divisão entre o social e o simbólico, sendo o sistema simbólico o meio pelo qual os sentidos das práticas e relações sociais são criados e no social é onde essas classificações são postas em práticas e vividas.

Essas classificações conceitualizam as identidades e mostra como as coisas são divididas e organizadas em sociedade. Segundo a autora, na maioria das vezes essas divisões ocorrem ao menos em dois grupos: “nós” e “eles”. Como mencionado anteriormente, a escolha de como classificar, influencia o que vai ser “mostrado” ou “escondido” e por consequência o que vai ser fixado ou não.

Esse panorama que a autora nos apresenta começa com o questionamento sobre o motivo pelo qual as pessoas assumem as identidades. Para responder essa questão ela trabalha com a representação. Se as identidades precisam de um

sistema para serem produzidas por um momento, focaremos no papel da representação.

“É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar.” (Woodward, 2000, p.17)

Esses símbolos fornecem aos indivíduos “ opções” de onde se posicionar e o que "ser", porém , eles só são eficazes se forem capazes de gerar uma identificação:

Seja pela ausência de uma consciência de diferença ou da separação, seja como resultado de suposta similaridade. [...] A produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas. (WOODWARD, 2000, p.16)

Nos próximos capítulos deste TCC vamos analisar as identidades a bordo de um navio de cruzeiro a partir de categorias criadas e a respeito disso Woodward usa o conceito que Bourdieu chama de campos sociais: instituições ou grupos variados dentro do nosso cotidiano que possuem seus próprios conjunto de recursos simbólicos e onde temos certa autonomia e escolha.

Nosso posicionamento dentro desses campos sociais, ou categorias, exigem dos sujeitos certos comportamentos e acionam diferentes identidades. Seja no trabalho, entre amigos ou em outros cenários:

“Em todas essas situações, podemos nos sentir literalmente , como sendo a mesma pessoa, mas nós somos na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. (WOODWARD, 2000, p. 30)

Cada cultura possui regras e costumes próprios que permitem os sujeitos participarem , se identifiquem com ela e também sejam diferenciados de outras culturas.

Esse conjunto de características que marcam a diferença precisam estar organizados em classificações para que as pessoas possam assumi-los, reconhecê-los e se posicionarem dentro deles. De outra forma, é essa organização que garante a experiência delas dentro do contexto social.

O consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social é o que Woodward entende e define como cultura.

[...] a cultura, no sentido dos valores públicos, padronizados, de uma comunidade, serve de intermediação para a experiência dos indivíduos. Ela fornece, antecipadamente, algumas categorias básicas, uma padrão positivo, pelo qual as ideias e os valores são higienicamente ordenados. E, sobretudo, ela tem autoridade, uma vez que cada um é induzido a concordar por causa por causa da concordância dos outros. (Douglas. 1966:38-39 apud WOODWARD, 2000, p. 41)

Woodward nos apresenta maneiras de olhar para o tema, partimos para o estudo de Tomaz Tadeu da Silva que define a identidade como aquilo que é , e a diferença como aquilo que não é, ressaltando sua relação de interdependência já que só é possível fazer uma afirmação de “ser isso” porque existem outras formas diferentes de ser. O autor aponta também que “ a identidade e a diferença tem que ser ativamente produzidas” (SILVA, 2000, p.76) pois não existem sozinhas e sim no contexto cultural e social.

Por serem produzidas em um contexto cultural, as identidades precisam de meios de serem produzidas e isso acontece através dos sistemas representacionais, como por exemplo os atos linguísticos, que segundo o autor, são instáveis: “na medida em que são definidas , em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também pela indeterminação e pela instabilidade.” (SILVA, 2000, p. 80)

A instabilidade dos sistemas que as identidades se baseiam demonstra sua própria instabilidade e o conflito constante de movimentos que tentam afirmá-la ou subvertê-la. As práticas representacionais mais marcantes são percebidas na alimentação, como por exemplo com os filipinos que comem muito arroz em todas as refeições, existindo até mesmo uma expressão identitária utilizada entre eles: "no Rice, no Power".

Por esse processo de produção de significados e signos é que acontece a identificação com outro, de forma a reconhecer as semelhanças ou as diferenças. Esses movimentos não são naturais, elas são construídas e passam por relações de poder. “ A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.” (SILVA, 2000, p.81)

A linguagem, mencionada acima, é apenas um processo de diferenciação que produz as identidades e as diferenças, Silva também cita outras maneiras pelas

quais elas são fabricadas como: incluir\excluir, demarcar fronteiras, classificar (bons e maus, tripulantes e passageiros) e normalização.

Às divisões e as classificações feitas determinam privilégios e portanto, quem tem o poder de dividir e classificar pode também decidir onde cada grupo vai ser colocado dentro de uma hierarquia social.

Dividir o mundo social entre ' nós' e 'eles' significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. (SILVA, 2000, p. 82)

A instabilidade das identidades acontece porque existem duas dinâmicas acontecendo a todo momento : uma para afirmar-las e outra para subvertê-las. Uma vez que elas não são naturais e estão em “conflito” para serem estabelecidas, o autor apresenta a ideia de laços imaginários que criam sentimentos de identificação entre os indivíduos colaborando para a fixação das identidades, o tanto quanto for possível.

Por outro lado, para tumultuar a ilusão de que é possível ter uma identidade fixa, Silva trabalha com conceitos de hibridação e miscigenação e a ideia de “cruzar fronteiras” e se mover pelos "territórios simbólicos de diferentes identidades” o que, para ele, demonstra a instabilidade do tema, já mencionado algumas vezes.

Finalmente, é a viagem em geral que é tomada como metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade. Embora menos traumática que a diáspora ou migração forçada, a viagem obriga quem viaja a sentir-se "estrangeiro", posicionando-se, ainda que temporalmente, como o "outro". A viagem proporciona a experiência do "não sentir-se em casa" que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. (SILVA, 2000, p.88)

Os sistemas de representação são importantes porque é por meio deles que as identidades e diferenças ganham sentido e passam a existir e se ligam aos sistemas de poder. O autor reforça que os atos linguísticos são importantes para o estabelecimento de ideias mesmo quando achamos que estamos apenas às descrevendo pois “ aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade. “ (WOODWARD, 2000, p. 93)

Identidade é uma produção social que está relacionada a relações de poder, e assim como as diferenças, possuem atribuições de sentido que estão em disputa em um mundo social. Em suma:

[...] A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconstante, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p. 97)

Quando tratamos da questão das identidades e diferenças, a primeira coisa mencionada é a necessidade de empatia e de tolerância. No entanto, dentro de uma convivência multicultural essa questão vai mais além: é preciso desenvolver práticas reais de representações abrangentes que reconheçam essas identidades e diferenças que cada indivíduo ou grupo carregam de suas experiências sociais.

Dentro do navio, a característica que mais chama atenção é a língua e o "dialeto" de navio, que pode ser observado tanto como exemplo da linguagem enquanto sistema de diferenças quanto para comprovar que as identidades e diferenças "não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que as compõem." (SILVA, 2000. pág. 77) A linguagem usada no navio, que na teoria é o inglês, na prática é uma mistura de expressões e palavras derivadas das diversas etnias a bordo, e também é possível reparar que cada departamento apresenta suas próprias gírias, expondo também o caráter instável do sistema linguístico e, por consequência, das identidades e diferenças.

Essa característica da linguagem tem consequências importantes para a questão da diferença e da identidade culturais. Na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade. (SILVA, 2000, p. 80)

Na estrutura social da embarcação, os indivíduos ocupam posições hierárquicas diferentes: começa na figura do capitão, a mais alta posição a bordo, e vai se dividindo em departamentos - shopping, restaurante, bar, etc. Essas relações de poder também interferem nas interações e no processo de produção simbólica e discursiva das identidades e das diferenças. "A identidade, tal como a diferença, é

uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder." (SILVA,2000,p. 81)

Silva ressalta que a afirmação da identidade e a enunciação da diferença constituem a busca pelo acesso à certos privilégios por parte dos grupos sociais que estão distribuídos assimetricamente nas hierarquias (2000, p. 81).

No refeitório dos funcionários , por exemplo, o acesso a comidas consideradas boas pode variar dependendo da etnia da pessoa em *charge*. No geral, os indianos "favorecem" indianos, filipinos "favorecem" filipinos e assim por diante. "Essa demarcação de fronteira, essa separação e distinção supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder". (SILVA, 2000. p.82)

As identidades como conhecemos, neste caso, indiana, filipinas e etc, estão numa constante balança de instabilidade e fixação.

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de uma lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade e de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. (Silva,2000 , pág. 84)

Esse caráter instável da identidade, quando confrontado com as diferenças, fica ainda mais marcante. Muitas pessoas de nacionalidades diferentes ficam convivendo no cruzeiro por alguns meses que, de acordo com Silva, precisam "criar laços imaginários que permitam 'ligar' pessoas que, sem elas, seriam simplesmente indivíduos isolados sem nenhum 'sentimento' de terem qualquer coisa em comum." (2000, pág. 85) A linguagem mencionada anteriormente pode ser observada como um exemplo desses laços imaginários.

Até o momento falamos sobre a identidade e os processos que funcionam a favor da sua fixação; pensaremos então, a partir de agora, em caminhos que visam subvertê-la.

O encontro entre as nacionalidades acontece durante viagens, cruzamentos de fronteiras e diásporas e, como apontado por Silva, isso está ligado ao hibridismo social. Ele diz:

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo - a mistura, a conjunção, o intercuro entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças- coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. (2000, p. 87)

Nas interações observadas no navio, podemos perceber algumas das características mencionadas pelo autor em relação ao encontro das nacionalidades, especialmente quando ele comenta que “a identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas” (2000, p. 87) Ainda que não possamos afirmar que exista uma identidade híbrida formada dentro da embarcação, é possível encontrar pontos que convergem para isso: o "inglês de navio"; o refeitório dos funcionários, que precisa adaptar-se às diversas culturas alimentícias e acaba assumindo características “neutras”; o não pertencimento do território do navio, que coloca todos os tripulantes em uma posição de estrangeiros, tornando possível experienciar a instabilidade das identidades.

A questão da identidade e diferença se estende para além das nacionalidades, podendo ser abordada também nas relações entre os diferentes departamentos e posições dentro de uma hierarquia, pois acionam nos indivíduos diferentes papéis no decorrer da vida a bordo.

2. Nos bastidores da *gangway*⁴

Neste capítulo vamos traçar algumas considerações sobre o ambiente de convívio dos tripulantes no navio de cruzeiro a fim de melhor contextualizar o nosso objeto. Além das observações de campo feitas durante a viagem, utilizaremos também os depoimentos presentes no livro “*Todos a bordos: as incríveis histórias dos tripulantes de cruzeiro*” (2021).

Os cruzeiros podem ser comparados com hotéis flutuantes pelos passageiros. Porém para quem trabalha nesse ramo, entrar em um navio é como entrar em uma realidade paralela onde existem regras e hierarquias específicas, além de horários e adversidades de trabalho que fogem de qualquer expectativa. A alimentação diferenciada, o fato de morarmos no navio, além dos fatores atravessados pelas relações de poder, influenciam e interferem significativamente na vivência a bordo da embarcação.

A dinâmica social e de trabalho é dividida em hierarquias e, assim que você embarca, já sabe a qual categoria pertence, porque antes de chegar lá, nós passamos por um pequeno treinamento com o objetivo de se adaptar ao ambiente. Na embarcação existem diversos departamentos que vão se dividindo em subcategorias, que, a grosso modo, são classificadas no dia a dia da tripulação como: *crew*, *staff* e *officers*.

O *crew* ou *crew member* é a tripulação que executa funções gerais como limpeza, atividades da cozinha, de serviço dos clientes, camareiros, etc; O *staff* é formado por tripulantes que desenvolvem as atividades burocráticas como recepção, recreação, segurança, bailarinos, músicos, produtores, etc; e os *officers* são os oficiais que ocupam os cargos superiores como o comandante, o subcomandante, o engenheiro e os chefes de departamento.

Essas são as divisões mais marcantes e, a partir delas, é definida a tabela de privilégios que vão de acesso ilimitado a área de passageiros, como restaurantes e bares, até cabines individuais e serviço de quarto. São também essas divisões de hierarquia a fonte da segregação, do preconceito e dos conflitos velados entre os sujeitos que perpassam esses espaços. Uma definição boa, apesar de um pouco exagerada, que ajuda a entender a dimensão da estrutura cultural dentro do navio é dada pela tripulante Daniela Romero:

⁴ *Gangway* : passarela de acesso ao navio e entre setores da embarcação.

[...] existem muitas profissões dentro de um navio, o 'titã', é uma cidade que flutua, ou um prédio na água, se assim ficar mais fácil de visualizar. Cada andar desse prédio se chama *deck* e quanto mais explorado você é, mais abaixo do nível da água estará e compartilhando cabines minúsculas. (ROMERO, 2021, p. 54)

A princípio, quando chegamos a bordo, o que mais nos chama atenção são as questões ligadas às culturas identitárias que como indica Roque de Barros Laraia (1989) estão relacionadas as lentes pelos quais os indivíduos veem o mundo e interagem entre si, assim como o jeito que se vestem e falam.

No entanto, ao contrário do que se pode presumir, o que mais marca as diferenças no navio são as posições que ocupamos dentro dos departamentos, levando em conta que passamos a maior parte do tempo uniformizados por conta da grande carga horária de trabalho.

Apesar dessa presença forte e marcante das diferenças entre as nacionalidades, outras identidades aparecem em momentos e lugares específicos a bordo. As identidades acionadas variam de acordo com certos fatores (Woodward, 2000) e, nesse contexto, o que mais chama a atenção, de forma geral, é a posição de trabalho ocupada por cada pessoa.

As diferenças entre cargas horárias, o tipo de cabine e o uniforme usado são algumas das características que notamos as diferenças entre as profissões a bordo. Porém, no geral, existem regras e espaços em que toda a tripulação se transforma em *crewmember*.

Como dito anteriormente, *crew* e *staff* possuem funções diferentes em lugares diferentes do navio, por isso alguns departamentos acabam não tendo nenhum contato entre si. Em contrapartida, são em ambientes como o *crew bar*⁵ que as divisões deixam de importar, e que, sem o uniforme, prestamos atenção nas diferentes nacionalidades pelo menos por algumas horas. O relato do tripulante Eduardo Louzada confirma: “No final do expediente nos encontrávamos no crew bar, o bar da tripulação, ou seja, o lugar mais divertido do navio para muitos. Lembra da festa do Jack na terceira classe, no filme Titanic ?”(LOUZADA, 2021, p. 75)

Alguns outros departamentos trabalham juntos, como por exemplo o bar e o restaurante, os quais estão classificados como *crew*. Outros, como o shopping e o

⁵ Crew bar: bar da tripulação.

bar, também dividem o mesmo espaço na área de passageiro. Quanto a isso, o relato do tripulante Léo Albuquerque ajuda a entender o ponto de vista dos grupos:

No bar da tripulação, ao final do expediente, havia os grupos já formados de pessoas com seus respectivos colegas de setor, ou até algumas nacionalidade pouco inclusivas, mas eu fazia questão de manter a política da boa vizinhança com todos eles, uma vez que durante o meu turno de trabalho, já tinha tido contato com eles. (ALBUQUERQUE, 2021, p. 163)

Outra característica bem marcante que afeta a todos os tripulantes, independentemente da sua posição hierárquica, é a efemeridade e velocidade das coisas. Tudo o que acontece durante o tempo de contrato de trabalho, que pode durar de sete a nove meses, é potencializado pela certeza do fim daquela experiência. Isso é algo que todos que trabalham em cruzeiro mencionam. A tripulante Daniela Romera aponta que “pode parecer exagero, mas é tudo tão intenso que se torna difícil descrever, a sensação de tempo e espaço é totalmente diversa, fazemos amizades, sofremos visceralmente a partida deles e curtimos a viagem.” (ROMERO, 2021, p. 57) Relatos como esse aparecem na fala de quase todos tripulantes.

Pude perceber que essa sensação de efemeridade específica faz com que algumas pessoas assumam personalidades e realidades sobre si mesmas de acordo com o que funciona melhor no cotidiano a bordo. Essas pessoas acreditam na ideia de que a vida dentro da embarcação não é uma vida real, mas sim uma realidade projetada, inventada e construída por aqueles que compõem a dinâmica daquele espaço. Daniela Romero diz que “na época (do primeiro embarque), a meu ver, subir num navio era dar um ‘pause’ na vida em terra, ir para o mar e depois quando voltasse ao continente, em minha ‘inocência’, achava que tudo continuaria de onde parei. (ROMERO, 2021, p. 52)

A noção alterada do tempo interfere, por exemplo, na organização dos dias em semanas, uma vez que a percepção é a partir da duração de um pacote de cruzeiro, que em média está em torno de sete dias. Como o tripulante Braulio de Lana ressalta em seu relato, “em um contrato de sete meses nos dá a impressão que se passaram uns 12 meses embarcados.” (DE LANA, 2021, p. 24)

O primeiro mês do primeiro contrato costuma ser o mais difícil por causa das mudanças drásticas e repentinas, especialmente pela “vida acelerada” e em outra língua. Essa velocidade nas atividades faz com que os tripulantes mais experientes

não tenham tempo e nem disponibilidade para treinar os recém chegados e apresentá-los a esse novo estilo de vida que, somado a um idioma não materno, causa apreensão e a sensação de que estamos perdidos e deslocados. Como vemos no relato da tripulante Erica Aoto, esse sentimento, apesar de intenso, também passa rápido, assim como todas as coisas a bordo.

Os primeiros quinze dias passaram voando, apesar de parecer uma eternidade! Cursos, treinamentos, localizar-me na nave, aprender sobre o trabalho e a dinâmica dos cruzeiros, trocas de uniformes ao longo do dia, maquiagens, aulas, festas, ensaios, reuniões, embarque e desembarque de passageiros... Uma enxurrada de informações em inglês. (AOTO. 2021, p.82)

A bordo não há uma real separação entre a vida profissional e a vida pessoal, uma vez que o navio é tanto o local de trabalho quanto o de moradia da tripulação. A escala de trabalho, para algumas posições, é de 11 a 12 horas diárias, com alguns intervalos intercalados nesse tempo. Todas as relações se desenvolvem dentro desse contexto, ou seja, muitas vezes o seu chefe se torna seu melhor amigo, entre outras relações, tornando o ciclo de convivência mais fechado, mais intenso e muitas vezes, mais complexo.

Essa imersão completa no ambiente do navio, para alguns é muito difícil, mas para outros flui de maneira tranquila. A diferença entre as pessoas que se adaptam e acabam gostando de estar no navio e as que desistem ou só veem os lados negativos está relacionado a maneira como cada um enxerga esse ambiente. O relato do Diogo Kyrillos ilustra bem como o sentimento de estar em casa muda a percepção que temos desse espaço.

Uma coisa que me ajuda é que não vejo nosso tempo no mar como um 'trabalho a bordo', mas como 'vida a bordo', e isso faz grande diferença. O navio é minha casa no mar, é onde eu trabalho, mas também é onde eu estudo, me divirto, viajo o mundo, faço amigos e me desenvolvo como pessoa. (KYRILLOS, 2021, p.67)

Segundo Roque de Barros Laraia (1989), no livro "*Cultura: um conceito antropológico*", a ideia do que é normal ou não é construída ao longo de nossa vida através dos grupos que estamos inseridos e da cultura que participamos, podendo resultar em uma depreciação dos padrões culturais diferentes dos pré-estabelecidos. Diante disso, uma vez embarcado, o tripulante precisa lidar e se adaptar com as

diferenças e as relações de poder existentes durante o trabalho e a convivência no navio. Em geral, essa adaptação não é fácil, especialmente por estarmos instalados em cabines duplas, e muitas vezes, dividindo o espaço com alguém de outra nacionalidade.

Olhando pelo lado interessante desse fato percebemos, que existe sempre algo novo para aprender: as vezes ter um *roommate*⁶ de outra nacionalidade é uma oportunidade não só de aprender outro idioma de forma fluida e agradável, como também de conhecer outros costumes, como a panqueca sul africana ou o chá de cacau dos samoanos. No cotidiano a bordo, em quase todos os espaços que circulamos, podemos notar diferenças, tal como expõe a tripulante Vanessa Bellini em seu relato:

Todos os dias era possível descobrir uma história diferente e sinto falta disso. Tinham os que comiam usando o hashi, tinham os que não usavam talheres e comiam com as mãos, os que oravam antes ou depois de cada refeição ... Um mix cultural de respeito e de diversidade. A cada conversa um novo amigo da tripulação, descobre algo sobre seu país, sua origem, o porquê estava embarcado, seus sonhos e conquistas. Os propósitos eram distintos, mas a paixão por essa busca era a mesma. (BELLINI, 2021, p. 226)

Sabe-se que os sujeitos não conseguem participar de todos os aspectos de sua cultura. Isso aparece de forma marcante, por exemplo, nos lugares com acesso limitado ou com o uso de gírias que só são aderidas por quem trabalha em determinado departamento. Para que seja possível transitar entre os espaços, é necessário que o indivíduo seja capaz de reconhecer as regras implícitas daquele ambiente. (LARAIA, 1989) As relações estabelecidas pelas normas determinadas no sistema de trabalho e convivência doutrinam o tripulante para se ajustar ao funcionamento da embarcação e abandonar alguns preceitos acumulados durante a vida, ainda que temporariamente, para viabilizar a convivência entre os membros do navio.

A vida cotidiana e as experiências vividas resultam em uma identidade própria do modo de vida a bordo. Uma vez inseridos nesse contexto, mesmo com as diferenças entre os setores, todos os que trabalham a bordo acabam incorporando

⁶ *roommate*: colega de quarto

elementos identitários da cultura do cruzeiro, pois habitam os mesmos espaços e passam por momentos semelhantes os quais vão construindo, de forma simbólica e social, essa identidade.

Tomaz Tadeu da Silva nos fala que, a princípio, a identidade é o que é e tem a si mesma como referência em afirmações como “sou brasileiro”, “sou carioca”, “sou mulher”, etc. “As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades.” (SILVA, 2000, p. 75) A interdependência entre essas identidades pode passar despercebida, mas é importante ressaltarmos que ela está presente: a afirmação do “eu sou” só funciona porque existem outras coisas que “não sou”.

As identidades e diferenças não existem espontaneamente. Laraia (1989) comenta que qualquer ser humano nasce como uma tela em branco e pode aprender qualquer cultura no mundo reforçando a ideia que Silva trabalha sobre o caráter social delas e como devem ser ativamente produzidas. (SILVA, 2000) Ele aponta:

Na medida em que não existe nenhuma “comunidade natural” em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum sentimento de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2000, p.85)

Na embarcação, podemos encontrar diversos aspectos que criam laços em comum, como a linguagem, o uniforme, o departamento, a posição hierárquica ou a nacionalidade.

Dentro de uma observação mais profunda, é possível reconhecer que cada departamento tem um conjunto próprio de gírias, principalmente se forem formados por pessoas da mesma nacionalidade, tornando-as, em alguns casos, exclusiva daquele grupo setorizado. Esse processo pode causar um ruído na comunicação entre os tripulantes de diferentes setores. Tomemos como exemplo o departamento dos engenheiros no navio *Seaside* - último navio em que trabalhei -, que era formado, em sua maioria, por sérvios, fazendo com que esses indivíduos usassem seu próprio idioma na maioria do tempo.

Esse processo acontece pois a linguagem possui um caráter de constante transformação, resultando na indeterminação e na instabilidade das identidades e

diferenças, as quais dependem dela. Isso reflete diretamente na tripulação, pois o encontro dessas pessoas se traduz na utilização de uma representação própria onde se declara quem pertence e quem não pertence àquele espaço. (SILVA, 2000, p.82)

Durante o período de sete a nove meses o sujeito pode experimentar a sensação da instabilidade de sua identidade, uma vez que, em contato com outras nacionalidades, conhece outras perspectivas para um mesmo assunto e adquire novos posicionamentos que interferem na sua identidade prévia, acionando portanto uma nova.

Dentro de uma perspectiva geral, as pessoas buscam os empregos em cruzeiro como uma forma de viajar o mundo e conhecer novas culturas. Além do encontro com diversas etnias, experienciam também as relações de poder presentes nas hierarquias e nos departamentos existentes, influenciando no acesso à espaços e à bens, como cabines maiores ou menores cargas horárias de trabalho.

No decorrer da vida a bordo, todos os indivíduos são submetidos a fatores que acionam certas identidades, afetando a percepção sobre o navio. Esses fatores podem ser divididos em categorias que facilitam o entendimento de como e por quê isso acontece, como por exemplo, o uniformes e o acesso a espaços específicos.

As identidades adquirem sentido dentro de um sistema simbólico que as represente, seja pelos uniformes, pelo uso de objetos como placas de sinalização ou pela lista de privilégios que delimitam acesso e reafirmam as diferenças dos departamentos.

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade. (SILVA, 2000, p.91)

Além de sua delimitação, as identidades precisam uma da outra para existir. Por exemplo, se não sou passageiro, então sou tripulante; se não sou *staff*, sou *officer* e assim por diante. Muitas vezes essas divisões são deixadas de lado, principalmente quando se trata das características gerais do navio: cansaço físico e mental; saudade da família e amigos; regras gerais como o *drill*⁷, entre outras. Nessas situações, somos todos “*crew*”, essa “mesmidade é o produto da experiência

⁷ Drill : treinamento de segurança obrigatório para toda a tripulação.

vivida e das coisas da vida cotidiana” (WOODWARD, 2000. pág 8) que coloca todos no “mesmo barco”.

Depois desse panorama sobre a vida a bordo, no próximo capítulo vamos analisar por categorias os símbolos pelos quais as identidades são marcadas, trabalhando com o conceito de representação de Stuart Hall, de design de Lupton e utilizando também as ideias exposta até aqui pois “existe uma associação entre a identidade das pessoas e as coisas que uma pessoa usa.” (WOODWARD, 2000, p.9)

3. Diário de bordo

Neste capítulo, vamos analisar os diferentes signos e símbolos dentro do navio e a forma como eles acionam as identidades. Criaremos categorias e utilizaremos as divisões já encontradas no ambiente, como as áreas de passageiro e de tripulantes, as placas de sinalização que demarcam as fronteiras como forma de representação, os acessos e limites que se diferenciam de acordo com cada departamento e com a posição dentro das hierarquias, por exemplo os uniformes e o tipo de cabine.

Como já mencionamos nos outros capítulos, as identidades estão o tempo todo em movimento e construção e é a partir do social e do cotidiano que elas vão tomando forma e sentido e ,em conjunto com as diferenças, criam um senso de ordem e pertencimento que existem através de regras e convenções sociais que ditam a conduta dos indivíduos. Sobre essa questão a autora Kathryn Woodward comenta:

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentidos a práticas e a relações sociais, definindo , por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ' vividas' nas relações sociais. (WOODWARD, 2000, p.13)

As identidades são fabricadas pelos sistemas de representação que usam a marcação das diferenças como forma de organizar e classificar o mundo gerando sentido, o que por sua vez é o que as fixam.

Separar, purificar, demarcar e punir transgressões tem como sua principal função impor algum tipo de sistema a uma experiência inerentemente desordenada. É apenas exagerando a diferença entre o que está dentro e o que está fora, acima e abaixo, homem e mulher, a favor e contra, que se cria a aparência de alguma coisa. (DOUGLAS, 1966:4 apud WOODWARD,2000, p. 45)

Os sentidos construídos através dessas diferenças são atribuídos a signos que são entendidos através de códigos, como um código linguístico e são importantes para a consolidação das posições de identidade acionadas quando se está a bordo, seja como tripulante ou como passageiro é possível perceber qual seu lugar sem que seja dito uma palavra, como ressalta a tripulante Daniela Romero:

[...] Acumulados a isso, existem treinamentos e o lembrete a todo momento de que você não é um passageiro. Esses lembretes não necessariamente são verbais, o padrão estético da área da tripulação é totalmente diverso ao da área de passageiros, para nós é tudo monocromático, triste, com cara de hospital, manicômio ou algo do tipo, pouco humanizado. Já na área de passageiros, toda colorida, texturas, cores, pedras e cristais nas escadarias, um verdadeiro exagero. (ROMERO, 2021, p.53)

Antes de passarmos para as categorias dos próximos capítulos, vamos fazer um cruzeiro pela “Cultura e representação” de Stuart Hall. Esse panorama nos ajudará a olhar de maneira mais clara os símbolos e seus significados.

Sabemos que a identidade precisa ser produzida por sistemas simbólicos que a represente, um desses sistemas é a linguagem definida por Stuart Hall : “ o meio privilegiado pelo qual ‘ damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. (HALL, 1999, p.17) .A linguagem tratada por Hall envolve signos e símbolos sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais, objetos e acontecimentos. Assim, o autor define a cultura como o compartilhamento de significados entre seus membros. Esse significado é produzido dentro de um circuito cultural que permite que dois indivíduos possam interpretar o mundo da mesma forma.

Ainda sobre significados, Hall afirma que eles só ganham sentido através dos participantes da cultura, pois as coisas, os objetos, as pessoas e os acontecimentos não existem por si só. A forma como organizamos essas coisas está relacionada ao sentido que damos a elas e refletem nas convenções sociais e condutas dos sujeitos. Nas palavras de Hall : “ A questão do sentido relaciona-se a todos diferentes momentos na construção de identidade e na demarcação de diferenças, na produção e no consumo, bem como na regulação da conduta social. (HALL, 2016, p. 32)

Para contextualizar a discussão o autor afirma que as línguas funcionam por meios de representação como sons, palavras, gestos, expressões e roupas e que a sua importância está no que fazem e suas funções que é basicamente construir e transmitir os significados da cultura permitindo que os sujeitos possam decodificar e interpretar os conceitos, ideias e sentimentos entre si.

Voltando sua atenção para a representação, Hall a define como “ parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados

entre membros de uma cultura.” (HALL, 2016, p.31)Esse processo acontece por meio da linguagem e a conexão com conceitos que ajudam a nos referirmos ao mundo como ele existe.

O autor apresenta aqui o conceito de sistemas de representação formados por duas partes principais. A primeira é a relação entre os objetos, sujeitos ou acontecimentos e os conceitos que não são individuais e funcionam porque estão organizados e classificados de diversas maneiras.A segunda parte diz respeito a como podemos apresentar, reconhecer esses conceitos,, através da linguagem entendida aqui como um signo: “Os signos indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultural. “ (HALL, 2016, p.37)

De forma geral, qualquer objeto , som , palavra ou imagem que tenha um sentido e estejam organizados em um sistema e que possa ser traduzido e transmitido de um pessoas para outra, é signo.

Como já mencionado algumas vezes, a identidade não é fixa porque, além de outros motivos, é produzida por sistemas instáveis. A razão dessa instabilidade é explicado por Hall como :

Uma implicação desse argumento sobre códigos culturais é que, se o sentido é o resultado não de algo fixo na natureza, mas de nossas convenções sociais, culturais e linguísticas, então o sentido não pode nunca ser finalmente fixado. (HALL, 1999, p. 45)

Nesse ponto fica clara a interdependência da identidade e da diferença citado por Silva. É por meio da marcação das diferenças que é possível organizar e classificar as coisas em diversas “caixas”. É por conta dessa diferenciação entre um signo e outro que o sentido é fabricado e disseminado pelas convenções estabelecidas pela linguagem.

Resumindo, o que foi falado até aqui, signo pode ser um objeto, um som, uma pessoa ou uma acontecimento (significante) combinado com um conceito (significado) que vai ser interpretado e transmitido através de um código que por sua vez é o que correlaciona o signo com o significado e permite a comunicação entre os indivíduos.

Para finalizar, vale ressaltar que os sentidos são criados dentro das “culturas humanas” e só são relativamente fixados quando os sujeitos os reconhecem e são capazes de organizá-los e passá-los adiante.

Adentramos agora no estudo dos elementos dentro do cruzeiro como a construção dos espaços e a utilização de uniformes na organização e classificação que ajudam a construir uma cultura a bordo facilitando a fabricação de identidades.

3.1 Espaços: passageiros versus tripulantes

Nesta parte vamos comparar as áreas de passageiros e de tripulantes e observar como as diferenças entre esses espaços afetam a percepção e acionam as identidades. É interessante observar como a marcação da diferença é feita de forma nítida e quase exagerada entre os espaços da tripulação e de passageiros. Para análise dos elementos visuais/espaciais, recorreremos a uma literatura do campo do design de Ellen Lupton e Jennifer Cole Phillips, intitulada *Os novos fundamentos do design* (2008) .

A forma como os ambientes são decorados afetam nossa percepção sobre eles. Em seu livro, Lupton e Phillips analisam os fundamentos do design em diversos aspectos tais como escala, figura/fundo, enquadramento, camadas, transparências, padronagem, entre outros. No trabalho, vamos focar em apenas dois: as texturas e, principalmente, as cores, que na marcação da diferença desses espaços chama muita a atenção.

As texturas ajudam a “sentir” o espaço. Se são macias e aveludadas, ou se são duras e pontiagudas, passam diferentes sensações. A área de passageiros é composta por diversos tipos de texturas. Metais e carpetes tornam o ambiente criativo e andar pelo navio é como um parque de descobertas e sensações confortáveis e interessantes. Segundo as autoras, é justamente esse mix de elementos que torna os espaços atrativos. Elas afirmam que “a beleza da textura no design encontra-se com frequência, na pregnância de sua justaposição ou contraste.” (LUPTON e PHILLIPS, 2008 , p.53)

O uso de texturas estabelece uma atmosfera ou reforça um ponto de vista (LUPTON e PHILLIPS, 2008, p.55) e as diferentes padronagens e estilos em cada área passam a ideia de criatividade. Os indivíduos sabem que passaram de um

lugar para outro através da decoração que é diferente para cada bar, cada restaurante, para o cassino, etc.

A área de passageiro é constituída por diversos espaços com temas diferentes que vão se diferenciar por meio das cores presentes nas decorações. Vemos na figura 2, por exemplo, o cassino do navio composto por um carpete colorido preto e laranja e um teto espelhado. Em contraponto, a área de tripulante, na figura 1, é toda construída por superfícies lisas e sem nenhuma textura, provocando distanciamento e dificuldade em diferenciar cada corredor, além de não existir nenhum estímulo visual que nos deixe animados. Na maioria das vezes quando terminamos o turno de trabalho e andamos por esse corredor até a cabine, nos sentimos cansados e letárgicos e por isso é normal que as pessoas se percam muito no início do contrato com um sentimento de que : tudo parece igual.

Figura 1 : Área de tripulante; Figura 2 : Área de passageiro. Cruzeiro Seaside (2021)



Fotos: Fabiana Cardoso.

Nas fotos acima vemos dois ambientes, o corredor da área da tripulação (figura 1) nas cores bege e branca sem um contraste forte entre si, com texturas lisas, duras e parecidas, transmitindo uma sensação de apatia. O segundo (figura 2) é constituído por carpete macio, preto e laranja, com cores mais chamativas, iluminação com diferentes temperaturas e texturas contrastantes no piso, nas paredes e no teto de metal espelhado.

Lupton e Phillips apresentam o círculo cromático, que representa as cores enxergadas pelo olho humano. Nele é possível encontrar cores análogas, como vermelho e roxo, que estão uma ao lado da outra e cores complementares, como vermelho e verde, que estão opostas no círculo.

A escolha das cores e do contraste, assim como sua temperatura, afeta a harmonia e a energia visual. As cores por si só não carregam nenhum sentido, mas no contexto das diferenças, elas podem “expressar uma atmosfera, descrever uma realidade ou decodificar uma informação”. (LUPTON e PHILLIPS, 2008, p.71)

Existe um ramo da psicologia denominado psicologia ambiental que busca entender como os ambientes afetam nossos comportamentos sociais e nossa saúde mental. De forma geral, uma das ideias discutidas dentro dele é a de que as pessoas não existem sem o ambiente e vice-versa. Isso conversa com o conceito que Stuart Hall apresenta sobre os significados: que eles não existem por si só.

Esses dois ambientes apresentados aqui influenciam as condutas dos tripulantes, uma vez que andando nas áreas de passageiros devemos sorrir e acenar. Porém, como os conceitos são construídos pelos indivíduos socialmente, esse significado pode ser alterado se posicionarmos os sujeitos de outra forma.

Durante meu segundo contrato em 2021, devido a pandemia, houveram momentos em que o navio estava sem passageiros. Nesta ocasião, foi permitido que a tripulação utilizasse algumas partes desses ambientes, como a piscina e o bar.

No primeiro dia foi estranho poder “se comportar como um passageiro”, relaxando na piscina ou bebendo um capuccino no bar. Depois de alguns dias esse novo comportamento se tornou natural, nos acostumamos rapidamente em ter algumas horas a mais de descanso.

Quando as operações voltaram ao normal e passageiros começaram a embarcar, houve uma nova adaptação: retornar à conduta de *crew* e não poder circular pelos ambientes que já tínhamos construído um novo significado. Durante este período, por exemplo, foi liberado o uso das piscinas e, pela primeira vez, pude ver o local que trabalhei por meses por uma outra perspectiva.

Observando as figuras 3 e 4, são dois corredores que dão acesso às cabines: na figura 3, da tripulação; na figura 4, dos passageiros. Notamos que a percepção desses espaços é diferente. Alguns elementos como o carpete vermelho causam uma sensação de aconchego e criatividade, enquanto que na área da tripulação não existe nenhum estímulo visual atrativo.

Figura 3 : Corredor de acesso às cabines da tripulação; Figura 4 : Corredor de acesso às cabines de passageiros. Cruzeiro Seaside (2021)



Fonte: foto 3 Fabiana Cardoso / foto 4 Joubert Blanché.

O nosso entorno afeta a maneira que nos comportamos, mas essa relação é bilateral já que somos nós que também construímos os sentidos dentro deles. Outro ponto tratado pela psicologia ambiental é a questão das cores, que pode afetar nosso desempenho dependendo do contraste empregado.

Quanto maior for o contraste nos espaços, mais distraídas as pessoas tendem a ficar, levando em conta que o objetivo principal é entreter os passageiros durante o tempo que eles estão a bordo. A partir disso, é possível entender o motivo de cores mais claras deixarem as pessoas mais calmas, enquanto as mais escuras as deixam mais agitadas.

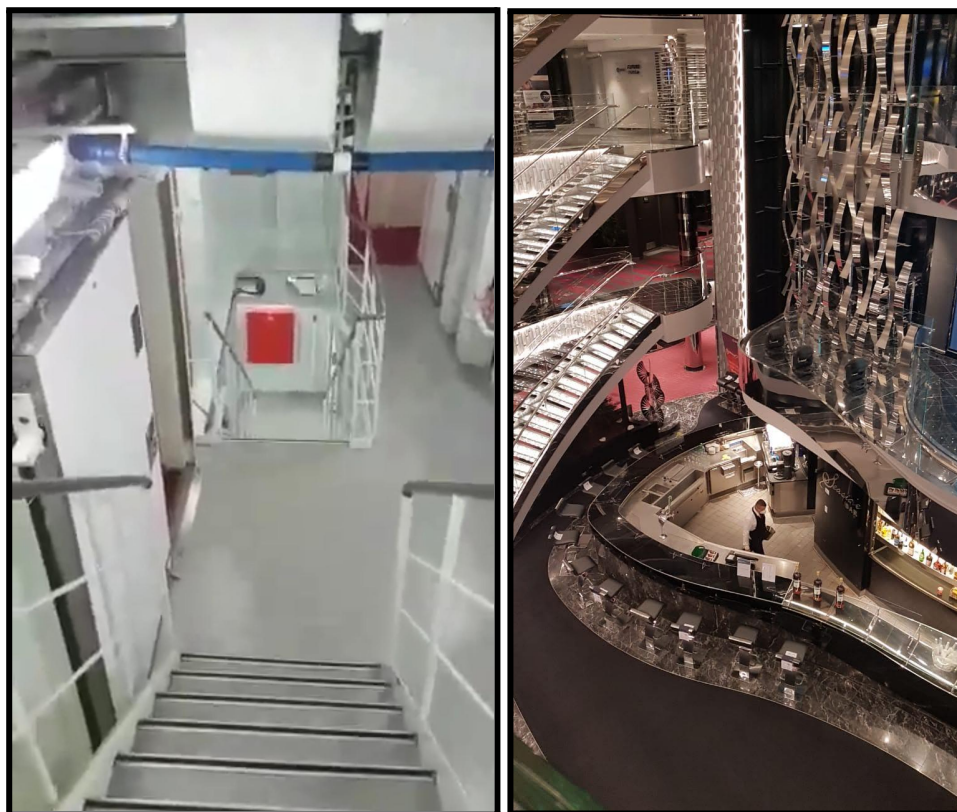
A percepção do lugar vai além da escolha de qual cor utilizar e combinar. Leva-se em conta também sua intensidade e sua temperatura. Na área da tripulação, as cores escolhidas se aproximam de tons e uma temperatura frias, o que

apresenta um certo distanciamento e impessoalidade. Nesse caso, a “personalidade” do local é construída pelos *crew* que transitam por lá.

Nas áreas de passageiros, cada ambiente tem suas cores e características que diferenciam e se conectam de forma diferentes. Existem espaços com cores mais neutras e sofisticadas. Os bares, por exemplo, tem temáticas diversas. O *Sport bar* é um bar com decoração esportiva que atrai aquelas pessoas que se identificam com essa atmosfera, despertando a sensação de pertencimento ao lugar.

Abaixo podemos ver duas imagens: a figura 5 ilustra a área da tripulação, a qual possui todos os corredores com as mesmas cores e temperaturas, sem conter nenhuma decoração que possa diferenciar, estimular ou distrair. Observando a figura 6, temos uma das partes principais do navio: a recepção, este espaço é onde acontecem as principais festas. Vemos um ambiente com cores brilhosas, combinadas de forma contrastante, contendo diversas texturas, como a escada que possui cristais e detalhes em metais em formatos diferentes.

Figura 5: Área da tripulação e figura 6 : Área da recepção. Cruzeiro Seaside (2021)



Fonte : fotos Fabiana Cardoso.

As cores e as texturas aqui são signos que carregam certos significados. Se por um lado temos um espaço colorido, divertido e acolhedor, por outro temos um ambiente com cores neutras e frias, um tanto intimidador, distante e sem estímulos visuais. Essas diferenças são permanentes e visíveis em cada parte do navio.

Nas áreas de passageiros, estes se divertem e aproveitam a diversidade de atividades oferecidas; já os tripulantes executam as tarefas que lhe foram atribuídas naquele contexto.

A falta de personalidade na área de *crew*, como a ausência de elementos decorativos que marquem as diferenças, ganha um novo sentido pelas pessoas que transitam por ali. A tripulação, por trabalhar e morar nesse espaço, possui uma percepção diferente sobre as cores brancas e pouco contrastantes. O tripulante Thiago D'Angelo Braz comenta:

Caro leitor, fazer um cruzeiro é realmente uma delícia. Como passageiro, então, é o céu. Eu digo isso porque eu já embarquei como passageiro. Mas nós, tripulantes, moramos no navio, ele é nossa casa, família, trabalho, lazer e, posso afirmar, tem horas que queremos estrangular alguém, como em uma família mesmo, e também existe uma guerra de ego incrível. (BRAZ, 2021, p.203)

A composição das áreas de passageiros possuem um outro conceito em relação aos tripulantes. As cores fortes e contrastantes significam trabalho e carregam a mensagem implícita de que você está entrando na área de passageiro e, portanto, deve agir e falar de maneira específica e se mostrar prestativo.

Essa mensagem permanece enquanto os tripulantes circulam pelas áreas de passageiros, e mesmo aqueles que podem andar por ali não esquecem que são *crew* e mantêm a postura, como ressalta a tripulante Vanessa Bellini: “Toda a tripulação tem que cumprimentar a todos, qualquer passageiro que vir pela frente, se estiver vindo uma fila de 100 passageiros, você deve saudar a todos e sempre com um sorriso no rosto”. (BELLINI, 2020, p.223)

Em contraponto, se a falta de estímulo nas áreas da tripulação parecem deprimentes a princípio, com o tempo uma nova interpretação é criada. São nesses espaços onde podemos relaxar, interagir com outras pessoas sem uniforme, nos divertir e ativar nossas outras identidades relacionadas às nossas nacionalidades e interesses próprios. Na área da tripulação, apesar de não haver diferenças

espaciais, é onde os indivíduos podem sair da sua função e agir com comportamentos mais à vontade.

Essas diferenças são notadas por muitos e alguns vêem isso por um lado mais negativo e problemático, apesar do meu ponto de vista ser diferente, como no caso da tripulante Daniela Romero:

O cenário por mim idealizado, era a piscina de passageiros e quando me dei conta de como era a área destinada a tripulação, eu ri, mas estava nervoso. Temos uma piscina, uma verdadeira caixa d'água sem ambientação nenhuma de veraneio, já o bar (crew bar) é pequeno sem cara de bar, sem cor de bar, mas fazem umas festas. Por conhecer muito bem a vida noturna, sempre achei aquele divertimento da tripulação meio fingindo, o local não era agradável, mas é lá onde a tripulação extravasa, fuma, bebe, dança, flerta, se conhece, reclama do dia que teve, porque se tem uma coisa que tripulante faz é reclamar, é impressionante que a maioria volte a embarcar. (ROMERO, 2020, p.55)

As identidades são acionadas de forma diferentes em situações diferentes para cada espaço que circulamos. As cores e as texturas passam uma mensagem que é percebida, às vezes inconscientemente, pelos sujeitos e os fazem ativar posturas e comportamentos diversos.

Andando pela área de passageiro, o *crew* mantém-se alerta de sua posição e está sempre preparado para ajudar e servir o passageiro. Na sua área ele pode ativar outras identidades como indivíduo de certa nacionalidade, podendo usar sua língua materna e se portar de maneira mais espontânea respeitando os limites que são colocados através da decoração ou até mesmo de sinais espalhados pelos ambientes.

3.2 Atenção : sorria e use o inglês a todo momento

Vamos analisar as placas que demarcam os espaços entre as áreas de passageiros e tripulantes e os significados que elas carregam. As cores e a decoração marcam as diferenças entre os espaços, carregando uma mensagem implícita de quem pertence ou não aquele local. Para cada transição entre os lugares existem outros signos, tais como as cores, que alertam os indivíduos e indicam para onde eles estão indo e como devem se comportar.

De acordo com Stuart Hall, os signos podem ser objetos, pessoas ou acontecimentos que carregam significados. Aqui analisaremos as placas que

demarcam esses ambientes, limitando o acesso ou indicando como os tripulantes devem agir, como são percebidas e como acionam identidades.

Inicialmente, vamos observar as placas “*only crew*”, localizadas nas portas de transição entre a área de passageiro e a área de tripulante.

Figura 7 : Placa “*only crew*”. Cruzeiro Seaside (2022)



Fonte: Dejan Stankovic

A primeira coisa a ser observada é o idioma usado. Nosso canal de comunicação oficial na embarcação é o inglês, apesar de nem sempre ser a língua utilizada entre os grupos ou os departamentos, por conta da grande diversidade de nacionalidade.

O segundo ponto é a palavra “*crew*”, que separa e categoriza os indivíduos. Se o *guest*⁸ tem o domínio do idioma, entende que aquele espaço é o limite de onde ele pode estar. Se não conhece a língua inglesa, vai reconhecer que “*crew*” é uma palavra que não faz parte do seu vocabulário. Em caso de, ainda assim, ultrapassar esse limite, as marcações das diferenças espaciais relacionadas às cores e as texturas vão alertá-lo de estar no lugar errado.

Para a tripulação, essa placa tem um outro significado. Ao cruzar esse “portal” que divide os espaços, há uma mudança de comportamento que o outro ambiente permite que apareça. Na minha experiência, toda vez que terminava o turno ou

⁸ *Guest*: termo utilizado no navio para se referir aos passageiros.

quando estava estressada com o trabalho, ao ver uma porta com esse sinal, sabia que podia relaxar ou chorar sem me preocupar em manter a boa aparência.

O terceiro ponto, como vemos na figura 8, representa uma pessoa sinalizando com as mãos para parar, além do círculo vermelho que indica que a passagem é proibida. Esse símbolo deixa clara a mensagem que precisa ser passada, apesar da ausência de linguagem verbal, como podemos ver abaixo.

Figura 8 : Placa com sinal de “Pare”. Cruzeiro Seaside (2022)



Fonte: Foto Joubert Blanché.

No meu primeiro contrato, minha *safety position*⁹ foi *stairway guide*¹⁰ e minha função era direcionar os passageiros para as suas *assembly stations*¹¹ em caso de uma emergência real. Durante o treinamento, somos orientados a usar a linguagem corporal para indicar o caminho certo, justamente porque nem todo mundo fala a mesma língua e, mesmo sem saber o motivo, as pessoas entendem os sinais que estão sendo passados. Esses são exemplos de como os signos carregam mensagens que nem sempre são verbalizadas.

O *grooming*¹² é algo muito importante quando trabalhamos com o público. No navio, essa apresentação pessoal está relacionada com a postura e a vestimenta que assumimos nesse espaço, como vemos no comentário da tripulante Franciane França em seu relato sobre a rotina no tempo em que esteve embarcada.

Uma rotina inimaginável, com alarme de segunda a segunda no mesmo horário, era vida para os fortes. Atrasos eram intoleráveis, a aparência tinha que ser impecável e sorriso eram obrigatórios durante todas as 24 horas do dia. (FRANÇA, 2021, p. 102) .

⁹ *Safety position*: Posição de segurança.

¹⁰ *Stairway guide* : Guia da escada, uma das posições de segurança, responsável por indicar o caminho certo até o local mais seguro em caso de uma emergência real.

¹¹ *Assembly stations*: Estação de reunião. Em caso de emergência todos devem se dirigir às *assembly stations* designadas.

¹² *Grooming* : padrões de preparação e uniforme de uma empresa.

Na área de passageiros, como vemos na figura 9, o objetivo é sempre servir e sorrir. Os tripulantes são treinados para manter uma postura de servidão demonstrando estarmos a disposição para ajudar no que for necessário. A bordo, isso é constantemente reforçado, seja por meios verbais, como os treinamentos nas primeiras semanas a bordo, ou visuais, como ilustrado na figura 9.

Figura 9 : Placa com os dizeres “Sorria e cumprimente os passageiros e use o inglês em público a todo momento”. Cruzeiro Seaside (2022)



Fonte: Foto Joubert Blanché.

Durante o turno de trabalho é exigido que nossos uniformes estejam limpos e passados, pois é necessário que a nossa imagem transmita a ideia de prestatividade. Assim ressalta o tripulante Eduardo Louzada ao dizer que “os passageiros pagam para viajar e desfrutar, os tripulantes são pagos para atender todas as necessidades desses passageiros” (LOUZADA, 2021, p.76).

Essa regra, em especial, vale para todos os tripulantes, independentemente de seus cargos e hierarquias, ou seja, oficiais da marinha, profissionais de hotelaria, chefes de cozinha, entre outros, todos devem estar a postos com os uniformes impecáveis.

Durante meus dois contratos a bordo, trabalhava como garçonne do bar e seguia a seguinte regra: é necessário estar sempre com uma bandeja em mãos e em posição de serviço mesmo que ela esteja vazia, como podemos ver na figura 10.

Kathryn Woodward afirma que é por meio da marcação das diferenças e da maneira como as coisas e as pessoas são posicionadas que as identidades ganham

sentido (WOODWARD, 2000, P. 39). Apesar de não estar visualmente escrito que para o departamento do bar, o conceito que a placa da figura 9 carrega é o de servir e segurar a bandeja da maneira mencionada, é assim que os indivíduos desse setor a interpretam. O sentido dela muda conforme o lugar em que as pessoas estão posicionadas. Por exemplo, para o outro departamento, a ideia de servir os passageiros pode significar outra coisa.

Figura 10 : Departamento do bar com bandeja em mãos, sorriso no rosto. Cruzeiro Música. (2022)



Fonte : Foto Fabiana Cardoso.

Outro sinal que alerta sobre as diferenças e nos lembra que devemos agir como tripulantes, encontrado em diversos locais de transição entre as áreas de passageiros e da tripulação é o que vemos na figura 11.

Figura 11 : Placa “Atenção ! Você está entrando na área de passageiro”. Cruzeiro Seaside (2022)



Fonte : Foto Joubert Blanché.

A placa “*only crew*” (figura 7) funciona como um símbolo para os passageiros que os impedem de transitar pelas áreas da tripulação. Outro sinal presente na embarcação (figura 11) limita o acesso à área dos passageiros, pois nem todos os tripulantes possuem autorização para circular por esses espaços. Como mencionado anteriormente, a tripulação é dividida, de forma geral, em *officers*¹³, *staff*¹⁴ e *crew*¹⁵.

Dentro dessas três categorias existem diversos departamentos e cada um deles possui privilégios distintos, como veremos mais à frente. A placa de “atenção” na figura 11 atua tanto como um lembrete para acionarmos certos comportamentos, como sorrir e falar inglês, quanto para separar os tripulantes que podem ou não circular pela área de passageiro. Assim como as cores demarcam as diferenças e acionam as identidades, as placas posicionadas em pontos de transição do navio os fazem também.

Até esse ponto tratamos dos acessos aos espaços e os signos presentes nele, vamos seguir entendendo como os símbolos e significados são trabalhos a partir dos uniformes e da lista de privilégio que cada departamento possui.

3.3 Uniforme, departamentos e privilégios

Nesta parte vamos entender como as coisas e as pessoas ganham sentido dentro de uma cultura do mundo do trabalho dentro de um navio de Cruzeiro através da organização e classificações que ajudam a construir identidades e definir privilégios.

Como vimos anteriormente, a bordo temos três categorias que se destacam: *officers*, *staff* e *crew*. *Officers* são os oficiais como o comandante, engenheiros e chefes de departamentos que possuem funções importantes, são chamados de “*capo*”¹⁶ e usam uniformes brancos com *stripes*¹⁷. Quanto mais *stripes*, mais alta a posição na hierarquia a bordo.

¹³ *Officers* :oficiais, como o comandante, subcomandante, engenheiro e chefes de departamentos.

¹⁴ *Staff* : Tripulantes de atividades burocráticas como recepção, recreação ou músicos.

¹⁵ *Crew* : Crew pode significar “tripulação” de modo geral ou um tripulante de funções gerais como limpeza, cozinha ou camareiros.

¹⁶ Capo : Significa chefe em italiano.

¹⁷ Stripes: Listras do uniforme de um marinheiro que designa seu grau hierárquico.

Na figura abaixo está o Capitão Marco Massa que estava a bordo no meu segundo contrato no navio Seaside e tinha uma característica que impressionava a todos: ele cumprimentava toda a tripulação na língua materna. Se era brasileiro, filipino, indonesiano ou indiano ele sabia em que idioma falar conosco.

Observe na figura 12 o uniforme utilizado pelo capitão, nos ombros dele podemos ver a *stripe* que representa a posição mais alta dentro da embarcação.

Figura 12: Capitão Marco Massa.



Fonte : Site oficial da Msc. Disponível em : <https://www.careers.msccruises.com> . Acesso em 15 de junho de 2022.

Esse uniforme branco é usado pelos oficiais, como *Hotel Manager*¹⁸, e por quase todos os chefes de departamento. O que se diferencia é a quantidade de stripes que compõem o uniforme, a posição dentro da hierarquia é determinada por isso, conforme a ascensão na hierarquia, maior a quantidade de stripes.

Dentro do navio, é necessário conhecer o esquema das hierarquias. Todos os indivíduos de uniforme branco são chefes de algum departamento, possuem algum grau de poder ou ocupam posições altas. Na minha experiência no bar, isso significa que precisamos nos atentar aos detalhes na hora de servi-los pois existem padrões de serviços esperados por nós. Erros cometidos na frente desses oficiais podem resultar em advertências.

O conceito de poder carregado por essa vestimenta faz com que os tripulantes que não são oficiais, fiquem em alerta quando algum “*capo de branco*”

¹⁸ Hotel manager : É o responsável geral de todos os departamentos relacionados à hotelaria e entretenimento e garante que todos os setores estejam funcionando adequadamente.

está por perto, mesmo que não saibam qual a sua posição. Para além dessa questão de trabalho, o uniforme branco carrega um senso de status e faz com que essas pessoas transmitam a ideia de imponentia e tenham passe livre para utilizar serviços, como os diversos restaurantes, e deslocar-se para onde quiserem.

Pelo relato da tripulante Luna Garcia, que trabalhou como fotógrafa, podemos entender melhor a percepção que temos sobre as *stripes*, pelo menos à primeira vista.

Um navio tem regras e hierarquias definidas, a vida a bordo não é tão glamourosa como se pinta. Me iludi com a ideia de que uniformes impecáveis e elegantes eram sinônimo de pessoas confiáveis. Presenciei momentos onde má índole e machismo se esconderam atrás das *stripes*. (GARCIA, 2021, p.170)

Como já mencionado anteriormente, quanto mais alta a posição mais *stripes* o uniforme vai ter. Podemos entendê-las então como signos que estão relacionados à produção da identidade que por ser uma relação social, como afirma Tomaz Tadeu da Silva, “está sujeita a vetores de força, a relações de poder”. (SILVA, 2000, p. 81)

Na figura 13 podemos observar um traje com três *stripes*. Na hierarquia, esses três traços significam que o tripulante é assistente de um chefe de departamento. Observe a diferença entre este uniforme e o do capitão na figura 12.

Figura 13: Uniforme com três *stripes*. Cruzeiro Música.



“Subir na hierarquia” representa também o acesso a privilégios e uma “good life”¹⁹ dentro da embarcação, como os tripulantes costumam dizer. Silva afirma que essas diferenças mostram o desejo dos sujeitos de terem regalias que são oferecidas a alguns grupos: “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” . (SILVA, 2000, p.81)

Outra diferenciação que observamos a bordo são os *staffs*, tripulantes que exercem funções administrativas como recepção, recreação, entre outras, que são demarcadas por diferentes uniformes para cada departamento.

Geralmente nós que somos “*crew*” costumamos dizer que os *staffs* têm “*good life*” porque trabalham menos horas e possuem muitas regalias invejadas como, por exemplo, poder comer no *buffet* dos passageiros, onde a comida é melhor.

Há um pequeno conflito entre esses dois grupos, que ocorre, principalmente, entre os departamentos que trabalham no mesmo ambiente mas seguem diferentes regras. Nos navios em que fiz meus contratos existe um espaço chamado “*Piazza grande*” onde fica localizados um bar e algumas lojas *duty free*²⁰. Apesar de trabalharmos todos no mesmo local, os *staffs* do shopping podiam consumir produtos do bar e se sentar nas mesas, enquanto que nós precisávamos manter a postura mencionada anteriormente. (ver figura 10)

O uniforme do shopping é caracterizado por um terno azul marinho escuro como é possível observar na figura 14.

Figura 14: Departamento do shopping. Cruzeiro Belíssima. (2022)



¹⁹ *Good life* :”Vida boa”. Expressão que usamos a bordo em situações boas como ter algumas horas a mais de intervalo ou poder usar as áreas de passageiro sem restrições.

²⁰ *Duty Free*: são lojas com carga de imposto reduzida

Fonte : Página Msc Boutiques. Disponível em : https://m.facebook.com/mscshops/?ref=page_internal
. Acesso em 20 de junho de 2022.

A média de trabalho a bordo é de 12 horas, porém, os *staff* costumam trabalhar menos, entre seis e dez horas, em dias de navegação. Essa diferenciação acaba gerando um certo atrito entre eles e os crews, como é possível notar pelo relato da tripulante Daniela Romero, que embarcou como cantora integrando o time de *staff*.

Eu me sentia muito melhor na área de passageiros, eu me lembro que muitos diziam enquanto trabalhavam : “ olha a passageira!”, referindo-se a mim que passava muito tempo nessa área glamourosa. A frase continua ironia porque, comparado ao restante da tripulação, nosso trabalho é leve, então apelidos ou referências à nossa rotina “good life”, “bela vitta” ou frases do tipo “ músico não trabalha” são frequentes. (ROMERO, 2021, p.54)

Algumas pessoas que mudam de departamento, por exemplo, saindo do bar para o shopping ou para a excursão, se tornando *staff*, relatam como todos os tratam diferente agora que eles usam outros uniformes, os cumprimentando e sabendo seus nomes. O relato da tripulante Amanda Corrêa assim que conquistou uma promoção como *shore excursion manager*²¹ exemplifica como a situação muda quando você é *staff* ou chefe de um departamento.

Minha vida mudou, as pessoas puxavam o meu saco, me davam presentes, comidas e bebidas e eu continuei sendo eu mesma, tratando todos com humanidade, tanto o pobre escravizado crew, indiano, filipino, indonesio ou brasileiro, quanto o oficial comandante, chefes de departamentos. Por mais que estivéssemos no mesmo barco, nossas realidades eram completamente diferentes, mas tratar bem as pessoas refere-se ao amor-próprio, se você se ama, então é capaz de ser gentil e amoroso um com o outro. (CORRÊA, 2021, p.15)

Aqui podemos entender como a classificação e organização das coisas e das pessoas através de sistemas de representação, podem carregar diferentes significados delimitando acessos a espaços e determinando como os indivíduos vão agir em momentos e locais específicos, tomando os uniformes como signos que marcam as diferenças entre os sujeitos.

²¹ Shore excursion manager : Gerente de excursões costeiras.

Os *staffs* estão divididos em departamentos tais como: excursão, shopping, spa, animação, animação infantil, entre outros. Cada um desses possui trajes próprios que permite sua identificação. Nas figuras 15 e 16 vemos os uniformes que o departamento da excursão usa regularmente a bordo e o que usa nas excursões nas cidades onde o navio faz porto.

Figura 15 : Uniforme usado nas excursões fora do navio; Figura 16 : Uniforme da excursão usado a bordo. (2022)



Fonte : Blog Diário de bordo. Disponível em : <http://enoisnonavio.blogspot.com>. Acesso em 2022. \
Foto Fabiana Cardoso.

Crew são tripulantes de funções gerais que trabalham nos bares, nos restaurantes, nas cozinhas, na limpeza do navio, entre outros. São os departamentos que possuem mais pessoas, sendo esse fato utilizado, por vezes, como uma justificativa para a negação de privilégios cedidos às outras categorias.

Da mesma maneira que os *crews* partem da perspectiva que *staff* não trabalha, como vimos no relato da Daniela Romero acima, eles também têm seu próprio ponto de vista sobre o trabalho dos *crews*. Podemos observar a partir do relato da Erica Aoto, que atua como *dancing maestro*²², como funciona a dinâmica dentro dessas categorias.

A tripulação é dividida em um pirâmide, onde no topo estão os *officers* e na base os *crews*. Eu, como *staff*, estava entre essas categorias e conseguia

²² Dancing maestro : instrutora de dança.

ver o abuso de poder e as desigualdades introjetadas nesse sistema hierárquico e machista. Não se pode mudar o jogo por completo, mas é fácil ter empatia. Imaginando o *hard work* dos *crews* - muitas horas de trabalho, não poder circular pela nave, mal ver a luz do dia, menos tempo para sair, rotina solitária e, por vezes, serem ignorados-, eu apenas tentava deixar tudo mais leve. (AOTO, 2021, p.86)

Minha função a bordo é trabalhar como garçom do bar e, apesar de não discordar totalmente do relato acima, do meu ponto de vista os indivíduos que trabalham apenas como *staff* tendem a exagerar as diferenças. Por vezes para reafirmar sua posição, outras, para tentar minimizar a “culpa” por terem uma vida com mais facilidades na embarcação.

Sobre a experiência de um *crew* dentro departamento do bar, temos o relato da tripulante Carol Medeiros, que reflete a minha vivência e a de outros colegas.

Vida a bordo não são mil maravilhas, mas, se você não embarcar, jamais saberá o que é trabalhar dez horas por dia, fechar um bar às seis horas da manhã (como é o caso do bar do cassino, o último a ser fechado do navio), ter um treinamento de safety às nove da manhã sobre as normas de segurança do navio [...] O tempo que resta é para almoçar e ocorre até a cabine para descansar, e quando menos se espera são três da tarde e você tem que começar a trabalhar novamente. (MEDEIROS, 2021, p.44)

O uniforme padrão do departamento do bar é o que vemos na figura 17, porém, assim como em outros setores, usamos outros em ocasiões especiais como na noite de gala ou quando trabalhamos na piscina.

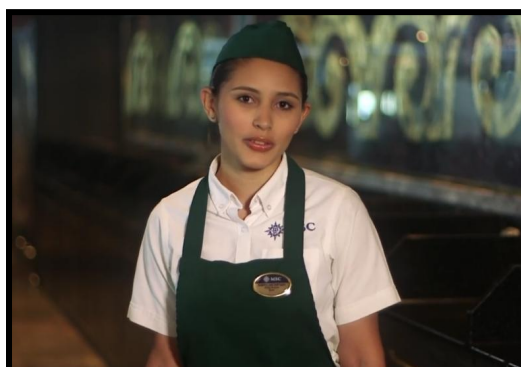
Figura 17: *Bar team*. Cruzeiro Seaside(2021)



Foto da autora.

Outros departamentos que convivem muito próximo do bar são o do restaurante e do *housekeeping*²³, responsável pelo serviço de limpeza das cabines e das áreas gerais da embarcação. Ambos acabam passando pela mesma experiência mencionada acima, circulam pelas áreas de passageiros em função do trabalho, mas não podem utilizar esses espaços como os *staffs*.

Figura 18 : Tripulante do Departamento do restaurante.



Fonte : Site oficial da Msc. Disponível em : <https://www.careers.msccruises.com> . Acesso em 2022.

Entender como funciona o sistema no navio é essencial para a adaptação e sobrevivência a bordo, principalmente no restaurante onde o trabalho é pesado devido às bandejas sempre cheias de prato. O tripulante Braulio de Lana comenta sobre sua experiência nesse departamento.

No restaurante, o tripulante tem que ser esperto, malandro mesmo. Você não pode dar 100% do seu potencial porque não irá aguentar nem dois meses de contrato, pois sempre tem um tripulante “*mamagaio*”²⁴ do seu lado. E o tempo voa no navio, uma semana equivale a um mês em terra. Em um contrato de sete meses nos dá a impressão que se passaram uns 12 meses embarcados. (LANA, 2021, p.24)

É interessante notar como cada departamento experimenta o navio de acordo com seu posicionamento. Comparando o relato entre um *staff* e um *crew* podemos observar que, enquanto um comenta sobre as viagens ou reclama por falarem da sua “*good life*” , o outro mostra o cansaço e formas de facilitar a vida depois de 12 horas de trabalho.

²³ Housekeeping : serviço de limpeza.

²⁴ *Mamagaio* : sujeito que faz corpo mole.

Observamos o que a tripulante Franciane França relata sobre sua experiência trabalhando como assistente-chefe da governança, uma das posições dentro do departamento do *housekeeping*.

No começo, o trabalho e as funções não eram as maiores dificuldades, mas a dor física por muitas horas de trabalho a fia e com contato direto com os passageiros. Meu corpo, costas, pés, doíam tanto que eu era apenas capaz de trabalhar e ir direto descansar. Fome? O cansaço e a dor eram maiores. (FRANÇA, 2021, p. 102)

Em comparação, a seguir temos o relato do tripulante Renan Franco na função de diretor de cruzeiro, uma posição de chefia dentro do departamento de entretenimento. Existem atividades realizadas a bordo que possuem a finalidade de entreter a tripulação, como a *crew party*²⁵, onde todos podem relaxar e aproveitar momentos de descontração. Isso acontece em lugares específicos do navio uma ou duas vezes ao mês, porém o departamento da animação costuma ter uma rotina diferente dos outros *crews*.

Mesmo com todos os desafios eu estava encantado por tudo aquilo. Passava o dia todo andando pelo barco, conversando com pessoas, vendo os músicos tocarem, assistindo a espetáculos (que era uma coisa mágica), privilégios que o departamento de entretenimento oferece. (FRANCO, 2000, p. 192)

Os uniformes são marcações visuais que dividem os indivíduos em categorias dentro de diferentes contextos sociais, que implicitamente, já traduzem onde eles pertencem. Acionando identidades e comportamentos em momentos e lugares específicos que, como cita Kathryn Woodward, carregam “diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos.” (WOODWARD, 2000, p. 30)

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva existem movimentos que funcionam para afirmar ou subverter as identidades. Até esse ponto vimos a separação entre tripulantes e passageiros e as divisões entre a tripulação porém existe outro elemento que colabora para a construção dessa cultura de cruzeiro: a *name tag*²⁶.

²⁵ *Crew party* : festa da tripulação.

²⁶ Name tag : plaqueta de identificação do tripulante.

Name tag é uma etiqueta de identificação que toda a tripulação usa a todo momento enquanto circula pelo navio. Estando em horário de trabalho ou não, seu uso é obrigatório.

Figura 19 : Minha *name tag* (2022)



Foto da autora.

A *name tag* é como um broche constituído pelo nome do tripulante, o departamento onde trabalha, seu país de origem, e deve ser usada do lado esquerdo do uniforme. Esse é o único ponto onde as nacionalidades se apresentam como um fator de identificação, uma vez que é através dela que sabemos a qual cultura a pessoa pertence.

Existe uma expressão a bordo que significa “pessoa do mesmo país” que é “*paisano*²⁷”. Quando precisamos resolver algum problema com passageiro ou até mesmo colegas de trabalho e queremos fazer isso de forma clara e direta pedimos ajuda a outra pessoa da mesma nacionalidade dizendo “ me ajuda a lidar com seu paisano, por favor”.

Para além dessa questão das nacionalidades, esse objeto é um signo que coloca toda a tripulação no mesmo barco, pois antes de sermos classificados em *staff*, *crew*, *officers* ou separados em diversos departamentos, o primeiro rótulo que ganhamos é o de tripulante.

O uso desse item é obrigatório a todo o momento estejamos de uniforme ou não porque, como veremos a seguir, alguns tripulantes podem transitar pela área de

²⁷ *Paisano* : expressão que significa “ pessoa da mesma nacionalidade”.

passageiros, tornando, assim, a maneira mais fácil de distinguir quem faz parte é da tripulação e quem é passageiro.

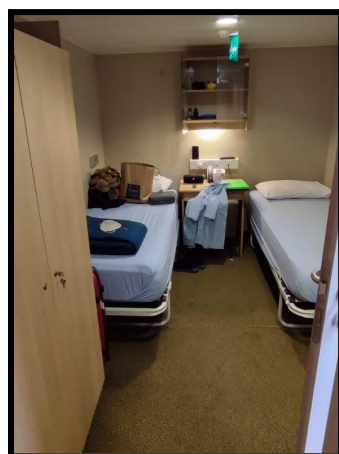
A afirmação das identidades estão sempre sujeitas a vetores de força que refletem no acesso a espaço e às bens. (SILVA, 2000) Alguns tripulantes não podem andar pela área de passageiro, um ponto do *privilege package*²⁸ que encontramos a bordo. A lista de privilégios é um conjunto de regras que determinam certos benefícios para cada departamento e posição hierárquica.

Esses privilégios estão relacionados ao tipo de cabine, a serviços como *room service*²⁹, *cabine cleaning*³⁰, *free internet* e *laundry*³¹, acesso a áreas de passageiros como buffet, spa e shopping, entre outras coisas que afetam o cotidiano dos sujeitos e suas percepções sobre a embarcação.

A cabine é o único local do navio que temos alguma privacidade. É a nossa casa por sete meses de contrato. Por isso essa categoria é muito importante e pode afetar nosso bem estar. As cabines de passageiros são espaçosas e possuem janelas, como vemos na figura 20, mas apenas algumas pessoas da tripulação com posições altas na hierarquia podem utilizá-las, como os oficiais e certos *staffs*.

As cabines podem ser single ou double; ser de *crew*, como vemos na figura 22, no geral com beliches, sem carpete e com um banheiro pequeno; ou uma de passageiro adaptada com camas separadas ou com beliches, como na figura 22.

Figura 20: Cabine de passageiro ; Figura 21: cabine de passageiro adaptada para a tripulação; Figura 22: Cabine de tripulantes. Seaside (2021)



²⁸ *Privilege package*: pacote de privilégio.

²⁹ *Room service*: serviço de quarto.

³⁰ *Cabine cleaning* : limpeza da cabine.

³¹ *Laundry* : lavanderia.

Foto da autora.

No meu primeiro contrato minha cabine foi de *crew*, simples e sem carpete; já no segundo contrato fiquei em uma cabine adaptada e bem mais confortável, com um banheiro bem espaçoso. Na minha experiência, apesar da primeira ter sido mais fácil de manter organizada e limpa, na segunda tive mais qualidade de descanso, o que, depois de 12 horas de trabalho, é essencial.

De acordo com a lista, oficiais como o capitão, *hotel director* e chefes de departamento têm direito a cabines individuais e a serviço de limpeza diário. A tripulante Amanda Corrêa que embarcou como *shore excursion manager* compartilhou sua experiência sobre o tema depois de passar uma temporada morando em cabine de passageiro por não haver outro tipo disponível.

Passei por desafios logo que embarquei, não havia cabine para mim. Então meu chefe me emprestou a sua cabine por uma semana, até eu receber a melhor notícia: como não havia cabine de tripulante, cederiam uma de passageiro para mim [...] E para quem não sabe, enquanto não é chefe de departamento, suas chances de dividir cabine com outras pessoas de seu departamento ou de seu status hierárquico são grandes! Aconteceram poucas vezes comigo e não é fácil a convivência, mas quando você aprende com as diferenças, você se torna uma pessoas de grande valor. (CORRÊA, 2021, p.15)

Os *staffs* e os *officers* costumam ficar nas cabines adaptadas, enquanto que as cabines de tripulantes, são designadas aos *crews*. A localização da cabine também marca as diferenças a bordo: do *deck*³² quatro, o primeiro acima do nível do mar, para baixo ou para cima, podemos observar como as hierarquias funcionam espacialmente, como confirma o relato da tripulante e cantora Daniela Romero.

[...] existem muitas profissões dentro de um navio, o 'titã', é uma cidade que flutua, ou um prédio na água, se assim ficar mais fácil de visualizar. Cada andar desse prédio se chama *deck* e quanto mais explorado você é, mais abaixo do nível da água estará e compartilhando cabines minúsculas. (ROMERO, 2021, p. 54)

Os departamentos administrativos possuem um número menor de funcionários e essa é uma das razões usadas para explicar o motivo deles terem

³² Deck : Andar do navio.

mais privilégios, como por exemplo, comer no buffet do navio junto com os passageiros. A mesma lógica é usada para explicar o porquê outros setores, como o restaurante, não possuem o mesmo benefício apesar de trabalharem diariamente nesses locais.

Em alguns navios mais antigos, as divisões entre *staff*, *crew* e *officers* são mais marcantes, chegando nas áreas da tripulações, onde existem refeitórios e bares específicos para cada categoria.

Os dois navios onde trabalhei não possuíam essas diferenças tão marcantes, por serem novos. Toda a área da tripulação era uma espaço em comum independentemente das posições. A fotógrafa e *staff* Luna Garcia nos apresenta uma visão mais detalhada sobre isso em seu relato.

Os bares do *crew* eram muito animados e nós, *staffs*, além de ter nosso próprio e exclusivo bar, podíamos frequentar também alguns bares, restaurantes e boates dos turistas. Sim existe um tipo de 'apartheid' na Marinha. Os trabalhadores que tinham minimamente uma *stripe*, mesmo sem uniforme, situações em que eu me incluía, assim como todos os artistas, recepcionistas, pessoal do *duty free*, casinos, seguranças, engenheiros, e claro, todos os oficiais, éramos a casta dos *staffs*. O pessoal da mão de obra era o *crew*. Esses não podiam nem frequentar o bar do *staff*, quem dera circular no navio sem estar trabalhando. (GARCIA,2000, p.173)

Todos os pontos trabalhados nestas seções, são regras que todos da tripulação devem seguir e que, se transgredidas, estão sujeitas a *warning*³³, um tipo de advertência. Caso o tripulante receba três *warnings* ele é desembarcado do navio e perde seu emprego.

Apesar das diferenças entre os privilégios concedidos para cada departamento, isso não impede totalmente o acesso a bens e a serviços encontrados no navio. A máfia entre a tripulação torna a vida a bordo melhor: máfia é um troca de favores que acontece entre os setores.

Cada um oferece o que pode, como a tripulante Amanda Corrêa comenta: "aprendi a fazer a 'máfia' a bordo, ganhava comida e, quando era possível, eu indicava os tripulantes que me ajudavam a comer melhor a passearem em nossas excursões. (CORRÊA, 2021, p.13)

³³ *Warning* : advertência dada aos tripulantes em casos de descumprimento das regras a bordo.

Por conta de algumas embarcações mais antigas dividirem os refeitórios, como já mencionado, a alimentação da tripulação é feita em espaços distintos para cada categoria, como ressalta o tripulante Léo Albuquerque, recepcionista a bordo: “o *crew mess*, refeitório para os tripulantes de funções mais ‘baixas’, o *staff mess* que era para os funcionários com privilégios e o *officers mess*, jantavam apenas os oficiais do navio e o comandante.” (ALBUQUERQUE, 2021,p.164)

Mesmo quando essa divisão não existe e toda a tripulação come no mesmo ambiente, excetuando o capitão e os oficiais de patente mais altas, reclamações sobre a qualidade da comida é algo que se presencia todos os dias e, sendo assim, a máfia está presente. Principalmente quando tratamos de alimentos e bebidas, os departamentos do bar e do restaurante costumam ser os que mais participam desse esquema, já que são os que têm mais acesso aos bens que todo ser humano necessita.

Sendo assim, a máfia se torna uma maneira de ir contra as divisões que delimitam os acessos e negam certas regalias. Para o tripulante Braulio de Lana, ela é uma maneira de se defender do sistema: “por exemplo, eu trabalho no restaurante e meu amigo no bar, ele me dá uma bebida e, em troca, eu dou dois pedaços de pizza... isso acontece em todos os setores do navio.” (LANA, 2021, p.24)

Nem sempre esse processo é feito entre os tripulantes. Por vezes, dentro do próprio departamento, isso acontece também. Seguindo com seu relato, Braulio de Lana mostra como melhorar a vida a bordo.

A comida do crew mess era muito simples, comia o básico para a perna não tremer na hora de carregar as bandejas. Toda noite a gente tirava pedido a mais de comida dos passageiros para jantar melhor. E no navio tem duas coisas que salvam o tripulante no dia a dia : o crew bar (bar da tripulação) e a máfia. (LANA, 2021, p.24)

Se por um lado, as diferenças geram certos conflitos por conta dos privilégios ou a ausência deles, do outro, a experiência, no geral, afeta da mesma maneira todos aqueles que seguem firme até o final do contrato. O relato final do Bráulio de Lana engloba o que quase todos os tripulantes sentem sobre seus momentos a bordo.

O navio foi um complemento de tudo o que vivi e me levou ao destino que sempre sonhei em viver e construir uma família. Aprendi a respeitar as

diferenças, culturas, viver sob pressão, levar o corpo ao limite, fiquei mais forte e hoje posso viver em qualquer lugar do mundo que me adapto. (LANA, 2021, p.28)

A partir dos relatos dos tripulantes e da minha vivência é possível perceber como esses privilégios afetam a percepção que cada um forma sobre a embarcação durante o contrato, e como os uniformes são representações das realidades diversas que podemos encontrar em um mesmo ambiente.

4. Desembarque.

Durante meu primeiro contrato no bar, em 2019, pude experienciar como a convivência multicultural traz benefícios em vários aspectos da vida: desenvolvimento profissional e pessoal; maior tolerância às diferenças; valorização da própria cultura; oportunidade de conhecer outros lugares. Essa vivência inspirou o tema do TCC e as questões trabalhadas aqui.

Os tópicos acerca das identidades construídas a bordo foram pensadas, a princípio, a partir das diversas nacionalidades encontradas na embarcação. Porém, depois da análise inicial, foi observado que os elementos do cotidiano, como a delimitação de espaços e as regras determinadas, combinados com a vivência ao longo do contrato constroem uma identidade do cruzeiro. (WOODWARD, 2000)

No texto *A produção social da identidade e da diferença*, Tomaz Tadeu da Silva afirma que existem movimentos que trabalham a favor da fixação das identidades ou de sua subversão. As cores e as texturas que compõem a decoração do navio, as placas de sinalização que delimitam espaços, os uniformes e a *name tag* são exemplos elementos simbólicos que atuam nesses processos.

Especialmente, podemos observar esses movimentos nas áreas da tripulação e dos passageiros, que afirmam as identidades através das diferenças nas cores e nas texturas empregadas nos ambientes. A primeira parte do trabalho analisa a maneira como a cultura dentro do navio é organizada entre os passageiros e os tripulantes, sendo estas classes polarizadas uma forma importante de estabelecer classificações. (SILVA, 2000)

Os espaços dentro da embarcação possuem sentido através dos signos que os compõem. As cores presentes nos ambientes, a forma que os locais são organizados e decorados e, também, como os indivíduos atuam dentro dessas classificações são exemplos desses signos presentes nas áreas da embarcação.

As placas de sinalização funcionam como lembretes que reafirmam as diferenças e alertam o tripulante sobre a necessidade de acionar a identidade que foi disciplinado a ter durante os primeiros momentos a bordo, principalmente quando circulando na área de passageiro.

Através das representações, os corpos vão sendo disciplinados gradativamente até não precisarem mais de lembretes verbais, uma vez que os

próprios indivíduos se posicionam de forma automática dentro da dinâmica da embarcação, a exemplo dos treinamentos de ambientação nas primeiras semanas do contrato.

No ambiente da tripulação, os elementos como uniforme e a *name tag* funcionam de forma ambígua. Os uniformes, em relação ao tripulantes, definem a qual departamento os indivíduos pertencem, assim como também carregam o significado de que estes são apenas mais um tripulante, em comparação aos passageiros. Woodward comenta que isso acontece pois os significados mudam de acordo com a posição que os sujeitos exercem socialmente.

As *name tags* atuam colocando todos os indivíduos no mesmo barco por serem um elemento de fácil identificação. No entanto, ao mesmo tempo em que unifica os tripulantes dentro da cultura do cruzeiro, também reforçam as diferenças indicando, em sua composição, a qual setor os indivíduos pertencem.

A cultura do navio é trabalhada a partir de identidades que funcionam em uma dinâmica social conectada a relações de poder representadas pelas hierarquias, marcadas pelas *stripes* presentes nos uniformes. Essas representações interferem na forma que as pessoas se relacionam entre si, podendo ocasionar em conflitos e disputas por conta dos privilégios que cada grupo carrega.

A lista de privilégios organiza as pessoas em grupos de acordo com suas posições hierárquicas, que são reforçadas por essas delimitações. Esses acessos privilegiados demarcam as diferenças e geram conflitos entre as categorias, demonstrando a instabilidade das identidades. Se, por um lado, a lista de privilégios afirma as identidades de *crew*, *staff* e *officer*, por outro a máfia que se cria a bordo as desestabiliza. Uma vez que, a princípio, existam limites para determinados grupos, no decorrer da convivência são criados meios para acessar os bens que lhes são negados.

O pertencimento a certo grupo acontece quando um objeto, uma coisa, ou um acontecimento são capazes de portar um conceito que é entendido por todos os seus participantes. A partir do momento que os indivíduos a bordo começam a perceber as marcações das diferenças, sejam elas nos espaços ou nos uniformes, o processo de identificação acontece.

Nas primeiras semanas a bordo é normal se perder pelas áreas da tripulação pois todos os ambientes são compostos pelos mesmos elementos básicos: as paredes e os tetos são todos da mesma cor e não existe nenhuma decoração visível

para diferenciar os corredores. No entanto, após algum tempo de imersão na cultura do cruzeiro, esses espaços ganham um novo sentido, tornando possível se localizar no labirinto bege e branco da *crew area*. É nesse momento que o indivíduo percebe que se tornou um verdadeiro tripulante e que faz parte da cultura do cruzeiro.

Referências

ALABAU, Irene. O que é a psicologia ambiental: definição, características e exemplos. In: *Portal Psicologia online* , 9 de novembro de 2020. Disponível em :<https://br.psicologia-online.com/o-que-e-a-psicologia-ambiental-definicao-caracteristicas-e-exemplos-581.html> . Acesso em junho de 2022.

ALBUQUERQUE, Léo. “E se eu não tivesse arriscado?” In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

AOTO, Erica. “Welcome on board!” In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

BELLINI, Vanessa. “Nos bastidores da gangway.” In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

BRAZ, Thiago D’Angelo. “Warning, warning, Warning!” In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

CLÍNICA, Psicanalise. *Psicologia Ambiental : o que estuda, como atua ?* In: Blog Clínica Psicanálise, 25 de agosto de 2020. Disponível em : <https://www.psicanaliseclinica.com/psicologia-ambiental/> . Acesso em junho de 2022.

FGV Projetos. ABREMAR. *Cruzeiros Marítimos: Estudo de perfil e impactos econômicos no Brasil*. In: *Brasil cruise* , 2011. Disponível em: <http://www.brasilcruise.com.br/arquivos/ESTUDO%20FGV%20-%20Abremar%202011.pdf> . Acesso em junho de 2022.

GARCIA, Luna. “Minha vida de marinheira.” In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Apicuri, 2016.

KYRILLOS, Diogo. “Em que posso servir?” In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

LANA, Bráulio de. “O importante é estar feliz”. In: SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 5 ed. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LOUZADA, Eduardo. “Embarquei no tom certo”. In : SANTOS, Amanda C. F. dos *et all* . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

LUPTON, Ellen e PHILLIPS, Jennifer Cole. *Os novos fundamentos do design*.São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MASCARELLO, Juciara. LAZZARI, Fernanda. A percepção de tripulantes de cruzeiros internacionais sobre a atuação em equipes multiculturais. In: *Revista Espacios*. Vol. 35 (Nº 3) , janeiro de 2014 . Disponível em <http://www.revistaespacios.com/a14v35n03/14350301.html>. Acesso em : Junho de 2022.

PACHECO, Junior Nunes. NETTO, Alexandre Panosso. LOHMANN, Guilherme. *Condições de Trabalho de Tripulantes Brasileiros em Navios de Cruzeiros Marítimos*. Anptur, São Paulo, setembro de 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Problematizando e questionando a identidade e a diferença. In: *Revista Teias*. Vol. 01 (Nº 2), julho\dezembro de 2000. Disponível em [http : https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23861](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23861) . Acesso em : junho de 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença – perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROMERO, Daniella. “O que não te contaram sobre os cruzeiros.” In: SANTOS, Amanda C. F. dos et all . *Todos a bordo! Incríveis histórias vividas pelos tripulantes de Cruzeiros*. Editora Heloisa Belluzzo,2020.

VIVA DECORA, Ana do. *A Psicologia e os Ambientes: Como a Decoração Influencia a sua Vida*. In : Blog viva decora, novembro de 2016. Disponível em : <https://www.vivadecora.com.br/revista/a-psicologia-e-os-ambientes/>. Acesso em junho de 2022.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.” In : SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença – perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE I

Glossário

Assembly station: estação de reunião.

Cabine cleaning: limpeza da cabine.

Crew ou Crewmember: tripulação ou tripulante de funções gerais, como limpeza, cozinha, garçons, auxiliares de cozinha e camareiros.

Crew bar: bar dos tripulantes.

Crew mess: refeitório da tripulação.

Capo: chefe em italiano.

Crew party: festa da tripulação.

Deck: andar de uma embarcação.

Drill: treinamento de segurança para a tripulação.

Duty: turno de trabalho

Duty free shop: são lojas com carga de imposto reduzida

Gangway: passarela de acesso ao navio e entre setores da embarcação.

Guest: Uma forma de se referir ao passageiro a bordo.

Good life: boa vida.

Grooming: padrões de preparação e de uniforme de uma empresa.

Housekeeping: serviço de limpeza.

Hotel manager: responsável geral de todos os departamentos relacionados à hotelaria e entretenimento.

Laundry: lavanderia.

Mamagaio: que faz corpo mole.

Name tag: plaqueta de identificação do tripulante

Onboard: a bordo

Paisano: pessoa da mesma nacionalidade.

Privilege package: lista de privilégios.

Safety position: posição de segurança.

Shorex excursion manager: Gerente do setor de excursões costeiras.

Staff: tripulantes de atividades burocráticas, como recepção, recreação, segurança, bailarinos, músicos.

Staff mess: refeitório reservado para oficiais

Stairway guide: guia da escada, uma das posições de segurança, responsável por indicar o caminho certo até o local mais seguro em caso de uma emergência real.

Stripes: listras do uniforme de um marinheiro que designa seu grau hierárquico.

Roommate: colega de quarto

Room service: serviço de quarto.

Welcome on board: bem-vindo a bordo.

Warning: advertência dada aos tripulantes em casos de descumprimento das regras a bordo.